C 42 - 30

MINISTÉRIO DO EXÉRCITO

Manual de Campanha

ADESTRAMENTO E EMPRÊGO DE CÃES DE GUERRA

1969

CARGA

Em .....

C 42-30

MINISTÉRIO DO EXÉRCITO

Manual de Campanha

ADESTRAMENTO E EMPRÊGO DE CÃES DE GUERRA

1ª Edição

1969

Preço NCr$ 1,40

ESTABELECIMENTO GENERAL GUSTAVO CORDEIRO DE FARIAS

MINISTERIO DO EXÉRCITO

ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO

DIRETORIA DE INSTRUÇÃO DO EXÉRCITO

Rio de janeiro, GB

Em 19 de Set de 1969

Portaria nº 83-EME de 19 Set 1969.

O Chefe do Estado-Maior do Exército, usando da atribuição que lhe confere a Portaria nº 318-GB, de 12 de outubro de 1967, aprova e manda pôr em execução o Manual de Campanha C 42-30 — ADESTRAMENTO E EMPREGO DE CÃES DE GUERRA.

a) General de Exército ORLANDO GEISEL
Chefe do Estado-Maior do Exército

MINISTÉRIO DO EXÉRCITO

ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO

NOTA

Solicita-se aos usuários da presente publicação que enviem, diretamente ao Estado-Maior do Exército, as sugestões que visem a sua maior eficiência e adequada atualização.

INDICE DOS ASSUNTOS

			Par	Pág
CAPITULO	1	— GENERALIDADES	1 a 2	
CAPITULO	2	— ADESTRAMENTO		
ARTIGO	I	— CARACTERISTICA DO CINÓFILO	3 a 9	2 - 8
ARTIGO	II	— CARACTERISTICAS DO CAO		10 - 8
ARTIGO	III	— PRINCÍPIOS DE ADESTRAMENTO BÁSICO	11 a 12	9 - 13
ARTIGO	IV	— PLANEJAMENTO DO PROGRAMA DE ADESTRAMENTO BÁSICO	13 a 18	14 - 20
ARTIGO	V	— ADESTRAMENTO BÁSICO COM TRELA	19 a 26	21 - 46
ARTIGO	VI	— ADESTRAMENTO BASICO SEM TRELA	27 a 38	46 - 55
ARTIGO	VII	— FAMILIARIZAÇÃO COM A MORDAÇA E A MÁSCARA CONTRA GASES	35 a 37	55 - 57
ARTIGO	VIII	— SELEÇÃO DE CAES PARA O ADESTRAMENTO ESPECIALIZADO	38 a 39	58 - 62
ARTIGO	IX	— PRINCÍPIOS DE ADESTRAMENTO ESPECIALIZADO	40	62 - 64

		Par	Pág
ARTIGO X —	ADESTRAMENTO ESPECIALIZADO DO CÃO ESCLARECEDOR OU PATRULHEIRO	41 a 46	64 - 73
ARTIGO XI —	ADESTRAMENTO ESPECIALIZADO DO CÃO MENSAGEIRO	47 a 50	73 - 80
ARTIGO XII —	ADESTRAMENTO ESPECIALIZADO DO CÃO LOCALIZADOR DE FERIDOS	51 a 55	80 - 92
ARTIGO XIII —	ADESTRAMENTO ESPECIALIZADO DO CÃO DE GUARDA OU SENTINELA	56 a 59	92 - 101
ARTIGO XIV —	ADESTRAMENTO AVANÇADO DE OBEDIÊNCIA E INCITAÇÃO	60 a 62	101 - 109
CAPÍTULO 3 —	UNIDADES FUNDAMENTAIS E EMPREGO		
ARTIGO I —	UNIDADES FUNDAMENTAIS	65	114
ARTIGO II —	EMPREGO	66 a 70	114 - 126

*
* * *
*

CAPÍTULO 1

GENERALIDADES

1. FINALIDADE

O presente Manual tem como finalidade orientar o adestramento de cães para o emprêgo em missões militares.

2. Tem como objetivos:

— Propiciar ensinamentos ao homem para melhor adestrar o cão, a fim de explorar as peculiaridades inerentes a êste animal para melhor aproveitamento de sua finalidade;

— Propiciar instruções para o adestramento, seleção e emprêgo.

*
* * *
*

CAPITULO 2

ADESTRAMENTO

ARTIGO I

CARACTERISTICAS DO CINÓFILO

3. DETERMINAÇÃO DAS CARACTERISTICAS

Não há processos objetivos que avaliem um futuro cinófilo e que revele em que grau possui as características exigidas. Entretanto, os prováveis cinófilos não poderão ser selecionados a êsmo. A entrevista fornecerá uma base satisfatória desde que seja cuidadosamente conduzida por um oficial especialista. Cada candidato deverá ser examinado antes que lhe seja permitido passar a qualquer treinamento com cães militares. Para que êsse processo inspire confiança é necessário que cada candidato seja submetido à nova entrevista após uma semana de treinamento. Nesta ocasião êle já teve a oportunidade de demonstrar de maneira clara e insofismável seu aproveitamento na instrução ministrada, ao mesmo tempo que as suas reações durante o adestramento com cães já foram cuidadosamente observadas. Se, após esta entrevista, o candidato não fôr considerado apto, não prosseguirá na instrução, devendo ser transferido para outra organização.

4. REQUISITOS ESSENCIAIS

A experiência já demonstrou que os seguintes requisitos são indispensáveis:

a. **Gostar de cães** — Qualquer elemento selecionado para cinófilo deve ter para com os cães um elevado grau de estima e interêsse.

b. **Inteligência** — Já ficou positivado que uma pessoa possuidora de um «QI» baixo não será um bom cinófilo.

c. **Paciência e Perseverança** — Um cão não pode ser forçado a ter o comportamento desejado pelo cinófilo, e nem êste deverá esperar que o animal tenha uma capacidade de apreensão idêntica à do homem. O cinófilo deverá ser paciente e perseverante em cada exercício até vê-lo realizado com êxito.

d. **Coordenação Física e Mental** — Um bom cinófilo deverá ser capaz de transmitir seus comandos não só através de gestos e movimentos do corpo mas, também, de viva voz. Isto requer grande coordenação física e mental.

e. **Robustez** — Não basta o cinófilo possuir boa coordenação. Êle deverá também ser capaz de resistir a um esfôrço tão prolongado quanto necessário. Durante os períodos de adestramento, o cinófilo deverá estar em condições de sobrepujar o seu cão em resistência física.

g. **Iniciativa** — Embora o modo de proceder durante o treinamento esteja regulamentado, é inevitável surgirem situações que exijam procedimentos ainda não previs-

tos. O cinófilo deverá ser capaz de enfrentar essas situações com êxito.

g. **Dedicação** — A saúde do cão fica inteiramente entregue ao cinófilo. Os cães não têm meios para reclamar o tratamento que recebem e seus estados físicos dependem, principalmente, do grau de dedicação com que os cinófilos executam as tarefas de manutenção dos canis, higiene e alimentação dos animais, tantas vêzes quantas forem necessárias. Uma falha nessas obrigações significará o malôgro do programa de adestramento.

h. **Confiança** — Uma vez que os cães poderão vir a ser escalados para a guarda de locais importantes, torna-se imperativo que o cinófilo inspire confiança irrestrita.

5. CINÓFILO

Para adestrar eficientemente os cães de guerra, o cinófilo deverá ter outros conhecimentos além daqueles, referentes aos princípios de adestramento do cão. Um cinófilo eficiente deverá:

a. Ter conhecimentos sólidos sôbre o modo de como reage um cão.

b. Ser capaz de cuidar, alimentar, alojar e ministrar os primeiros socorros necessários para manter o seu cão nas condições físicas exigidas para que possa cumprir uma missão com o máximo de eficiência.

c. Empregar corretamente o cão de guerra no cumprimento das missões que lhe forem atribuidas.

6. IMPORTANCIA DO CINÓFILO

Certos homens serão incapazes de obter resultado satisfatório com um cão, através da percepção dêstes, porque não têm alcance e timbre de voz apropriados, mas, poderão ter uma certa precisão no contrôle muscular o que os capacita a obter excelentes resultados no adestramento pelo toque. A recíproca também é verdadeira. Geralmente, cada cinófilo obtém melhor sucesso com determinado tipo de cão e vice-versa. Para se obter o máximo de eficiência, as habilitações do cinófilo devem combinar com as peculiaridades sensoriais do cão.

7. BREVIÁRIO DO CINÓFILO

a. Os comandos orais deverão ser dados sempre com as mesmas palavras, com o mesmo tom de voz e na mesma cadência.

b. Não punir o cão por deficiência na execução de um comando, salvo se tiver certeza de que êle entendeu o que foi ordenado.

c. A recompensa deverá vir imediatamente após o comando executado corretamente; da mesma maneira a punição deverá seguir a qualquer desobediência.

d. Punir o cão em outra ocasião que não seja imediatamente após a falta cometida não é adestramento e sim crueldade.

e. Os períodos de instrução não deverão ser demasiado longos porque o cão se cansará ràpidamente e ficará impertinente durante a sessão.

f. Se o cão errar uma determinada parte, ela não deverá ser repetida isoladamente. O exercício deverá ser repetido desde o início, pois o cão deverá aprender ações que façam parte de um conjunto e só assim poderá realizá-las com êxito.

g. Nunca zombar do cão, pois êle tem o senso de humilhação e orgulho. Êle sempre entende que quando se pronuncia uma determinada palavra, uma determinada cousa deverá ocorrer. Nunca se deverá romper êste elo entre a causa imaginária e o efeito.

h. Prever sempre as reações (atitudes), do cão. Pensar antes dêle.

i. Não perder a calma durante a instrução do cão; êle perderá o respeito. Qualquer pessoa deverá abster-se de descarregar sua cólera sôbre o animal.

j. Ter paciência com o cão. Êle tem vontade de executar o que desejamos, mas não há quem possa exprimir uma linguagem que êle prontamente entenda.

l. Tôda instrução do cão basear-se-á na teoria de que seus instintos e possibilidades naturais poderão ser estimuladas e aperfeiçoadas.

m. O cão tem capacidade de entender e executar um comando de cada vez: deverá ser instruído desta maneira.

n. Demasiados instrutores, amigos e contatos com elementos estranhos poderão estragar o cão. Só se deverá deixá-lo conhecer um dono: o cinófilo, cuja palavra é lei.

8. COMANDOS EMPREGADOS PELO INSTRUTOR E PELO CINÓFILO

INSTRUTOR	CINÓFILO
«Classe! — Sentido! — Um passo a frente»	«TOCA»
«Em círculo, Posição!»	«JUNTO»
«Em pé, Posição!»	«JUNTO»
«Direção a direita, Marche!»	«JUNTO»
«Direção a esquerda. Marche!»	«JUNTO»
«Direção a retaguarda, Marche!»	«JUNTO»
«Direita, Volver!»	«JUNTO»
«Esquerda, Volver»	«JUNTO»
«Meia-volta, Volver!»	«JUNTO»
«Pela direita, Marche!»	«JUNTO»
«Pela esquerda, Marche!»	«JUNTO»
«Em frente, Marche!»	«JUNTO»
«Última forma!»	«JUNTO»
«Destacamento, Alto!»	«SENTA»
«Sem as trelas, Posição!»	«JUNTO»
«Em posição!»	«JUNTO»
«Corretivo»	«NÃO»
«Sentar»	«SENTA»
«Deitar»	«DEITA»
«Rastejar»	«CRAU»
«Abrigar»	«ABRIGA»
«Saltar»	«UPA»
«Alertar»	«GUARDA»

«Procurar»	«BUSCA»
«Atacar»	«PEGA»
«De Aprovação»	«BOM»
«Cessar ataque»	«LARGA»
«Subir»	«SUBA»
«Descer»	«DESÇA»
«Conduzir»	«LEVA»
«Parar»	«PÁRA»
«Chamar»	«AQUI»

9. ADERTÊNCIA PELA TRELA

Uma sacudidela sôbre a trela será uma advertência muito necessária, especialmente na instrução básica. Isto disciplinará, sem rudeza, um cão submisso, e será eficaz para se obter a atenção de cães jovens e desatentos, alertando-os sôbre o próximo comando ou movimento. O cinófilo não deverá sacudir violentamente a trela a ponto de produzir ferimento no animal, nem raivosamente para desabafar seu temperamento. A sacudidela sôbre a trela deverá ser sempre «de cima para baixo» e nunca de baixo para cima.

ARTIGO II

CARACTERÍSTICAS DO CÃO

10. GENERALIDADES

a. As características extraordinárias do cão, como sejam a agudez dos sentidos, sua docilidade, sua afeição

ao homem, sua capacidade de vigilância e sua velocidade, recomendam-no como um elemento de grande valor para fins militares. Êste fato foi reconhecido no século passado antes dos tempos atuais.

b. Orientado por um adestramento esmerado, torna-se o cão, sem dúvida, um elemento indispensável na guerra moderna, pela conseqüente economia de homens tão necessários em outros setôres.

c. Dentre as raças mais adaptáveis às missões de guerra, podemos citar: o Boxer, o Bull Dog, etc. No entanto, em vista de certas características que apresenta, é o Pastor Alemão, também conhecido como Lôbo da Alsácia ou Policial Alemão, o mais empregado como cão de guerra, em virtude de possuir audição e faro apurados, excelente agilidade, velocidade, robustez física, fácil adaptação ao meio ambiente, docilidade e fidelidade ao homem.

ARTIGO III

PRINCÍPIOS BÁSICOS DE ADESTRAMENTO

11. GENERALIDADES

O adestramento é realizado de maneira objetiva sem embuste e sem dificuldade. O processo é razoàvelmente simples e se baseia em:

a. Conhecimento constante dos exercícios.

b. Repetição constante dos exercícios.

c. Identificação do progresso do cão.

d. Perseverança.

12. PRINCIPIOS GERAIS

A eficiência do programa de instrução depende da aplicação de alguns princípios básicos.

a. O cinófilo deve impor-se como mestre do cão ou cães que lhe forem distribuídos. Êle é quem afaga, elogia, alimenta e cuida dos cães que lhe forem designados, não permitindo que ninguém se torne amigo dos seus animais.

b. O cinófilo deverá reconhecer as limitações da mente do cão. Há várias respostas que não se pode esperar e outras possíveis, desde que o cão seja tratado convenientemente. É bem possivel que êle entenda totalmente um comando antes de ouvi-lo repetido numerosas vêzes.

c. Há técnicas específicas para se emitir os comandos de modo que êles sejam sugestivos ou significativos para o cão.

(1) Os comandos orais — serão dados com firmeza e clareza. O timbre e a entoação da voz, e não o seu volume, serão as qualidades que influenciarão o animal. Os comandos deverão inspirar confiança e serão dirigidos a determinado cão, em vez de o serem em voz alta e a êsmo.

(2) Depois da voz, os gestos serão os principais recursos que o instrutor possuirá para influenciar os cães. Muitas vêzes os comandos orais são combinados com gestos. Êstes deverão ser exagerados no início para ajudar o cão a reconhecer o comando dado. Com o desenvolvimento da instrução êsse exagero será reduzido progressivamente.

d. É fundamental fazer o cão executar o mesmo comando várias vêzes até aprender a executá-lo sem hesitação. A repetição é, na verdade, mais importante na instrução do cão do que no aprendizado do homem; todavia, tanto o cinófilo como o cão, poderão tornar-se desatualizados ou perder a eficiência por deixarem de praticar, por muito tempo, determinado comando. Neste caso, é melhor executar mais um exercício ou deixar passar algum tempo e, então, retornar à prática do comando em tela.

e. O cinófilo nunca deverá perder a paciência ou tornar-se irritado. Se isto acontecer o cão tornar-se-á difícil, porque ficará sem disposição devido à atitude do seu condutor. Um dos principais requisitos de um bom cinófilo é a paciência aliada à energia. No momento em que o cão compreender o cinófilo, êste deverá exigir que êle obedeça, caso queira transformá-lo num animal ativo e perfeito.

f. Desde os primeiros adestramentos nunca se deverá permitir que o cão desconheça um comando ou deixe de executá-lo de maneira completa. Êle deverá aprender a associar o comando dado com a sua execução. Jamais se deverá possibilitar que o cão desconfie que poderá deixar de obedecê-lo. Êle deverá aprender que tem de executar o comando dado pelo cinófilo e o tem de fazer de maneira completa e sem hesitação. A complacência por parte do

cinófilo, em cada oportunidade, poderá resultar numa atitude ou predisposição para desobediência, o que tornará difícil e contra-indicado o prosseguimento do programa de adestramento. Quando o cinófilo certificar-se de que o cão sabe o que se deseja obter dêle e se mantém obstinadamente teimoso, deverá puni-lo sacudindo enèrgicamente a trela.

g. A finalidade da punição visa o progresso e não a represália.

(1) O cão não entende os princípios abstratos de justiça e de injustiça consoante os paradigmas humanos, e, em conseqüência, a recompensa e a punição deverão ser empregadas para que êle bem compreenda o que deverá ou não, fazer.

(2) Raramente tornar-se-á necessário recorrer à punição física para ensinar uma lição a um cão sensível. A recusa de um elogio, um emprêgo de um tom de censura, ou simplesmente um «NÃO» em tom de reprovação, serão as punições adequadas. Se o cão se apresentar renitente ou insensível, deverá ser punido com maior severidade. A punição será aplicada de acôrdo com o êrro cometido. A dosagem do castigo é de máxima importância. O corretivo sob qualquer forma, deverá sempre ser administrado imediatamente após o cão ter-se portado mal. Êle não tem capacidade para associar uma punição, quando a mesma é aplicada muitos minutos após a falta cometida.

(3) Uma punição severa deverá ser aplicada como último recurso e sòmente por desobediência deliberada, teimosia ou rebeldia ,e quando o cão já possuir maiores conhecimentos. O animal jamais deverá ser castigado por desajustamento, lentidão no aprendizado ou falta de habilidade para entender o que se espera dêle. A punição por tais motivos em vez de acelerar a instrução, produzirá efeitos opostos. A palavra «NÃO» é empregada para mostrar ao cão o que está sendo feito errado. Ela é a única palavra utilizada como um comando negativo. Deverá ser pronunciada em tom de severidade e reprovação. Se esta forma de reprovação não produzir o efeito desejado o cão deverá ser colocado na corrente ou no canil. O cinófilo nunca deverá dar uma palmada no cão ou golpeá-lo com a trela. A mão é um instrumento de aplauso e satisfação para o cão, da qual jamais deverá sentir pavor. O golpe com a trela torna-o tímido e não surtirá efeito quando aplicado fora das ocasiões oportunas. **O nome do cão nunca deverá ser empregado em conexão com o corretivo.**

h. Sempre que o cão executar um comando com êxito, mesmo que leve mais tempo além do desejável, o cinófilo o recompensará com um afago na cabeça elogiando-o de alguma maneira na ocasião.

(1) Os cães gostam de agrados e perceberão o porquê da recompensa recebida. Quando o cão é recompensado pela sua atuação, êle percebe que executou certo, e terá mais entusiasmo na próxima vez que receber o mesmo comando. A recompensa poderá ser dada através de:

(a) Palavras carinhosas.

(b) Afagos com a mão.

(c) Permissão para rápidas brincadeiras.

(d) Permissão para realizar seu exercício favorito, inclusive correr em liberdade e brincar.

ARTIGO IV

PLANEJAMENTO DO PROGRAMA DE ADESTRAMENTO BÁSICO

13. OBJETIVOS

Os objetivos do adestramento básico são:

a. Desenvolver nos cães um comportamento que servirá de base para um adestramento mais especializado em funções militares específicas.

b. Determinar a função militar para a qual, cada cão será treinado.

c. Instruir os elementos especialmente selecionados para:

(1) Cinófilos.

(2) Instrutores do pessoal e para integrarem as organizações que normalmente se utilizam de cães.

14. FINALIDADE

O Programa de Adestramento Básico, terá como finalidade:

a. Adestrar os cães para executar os comandos fundamentais, seguintes:

(1) Com trela:

(a) Junto.

(b) Senta.

(c) Deita.

(d) Pára.

(e) Aqui.

(f) Crau

(g) Upa.

(2) Sem trela:

(a) —Junto.

(b) Senta.

(c) Deita.

(d) Pára.

(e) Aqui.

(f) Upa

b. Acostumar o cão:

(1) Usar mordaça e máscara contra gases.

(2) Viajar em viaturas.

(3) Familiarizar-se com o estampido de arma de fogo.

15. PESSOAL

Três elementos são responsáveis pelo adestramento dos cães:

a. **Instrutor** — Elemento especializado responsável pela instrução do pessoal em adestramento de cães.

b. **Auxiliar de instrutor** — Elemento especializado destacado junto a cada instrutor, a fim de auxiliá-lo na instrução de suas turmas.

c. **Cinófilo** — Elemento que recebe instrução em turmas, orientadas por um instrutor e seu auxiliar, e que ao mesmo tempo, adestra seu cão.

16. EQUIPAMENTO

a. O equipamento básico (Fig 1) para o programa de adestramento é distribuido a cada cão e consiste no seguinte material:

(1) Vasilhame para alimento e água.

(2) Mordaça de couro rústico ou cru, empregada para o transporte do cão.

(3) Uma trela com cêrca de 7,50 m de tecido de algodão utilizada em cães obedientes e para fazê-los trabalhar distante do cinófilo.

(4) Uma trela de couro com cêrca de 1,60 m utilizada para controlar os cães em adestramento de obediência.

(5) Uma alça de couro que o cinófilo usa no seu cinto para fixar a trela quando tiver necessidade de manter as mãos livres.

(6) Uma corrente de aço, coleira do tipo enforcamento, empregada na instrução de obediência e para controlar o cão quando em deslocamento de uma área para outra.

(7) Uma coleira de couro com largura de 2,5 centímetros, utilizada no trabalho diário de cães e também, para prendê-los quando fora do trabalho.

(8) Uma corrente inoxidável, única peça do equipamento empregada com a coleira de couro para prender os cães quando no campo.

(9) Um pente.

(10) Uma escova de pêlo para limpeza.

(11) Uma máscara contra gases.

(12) Um peitoral de couro, usado sòmente pelos cães esclarecedores quando em cumprimento de missões.

b. O uso adequado dessas peças do equipamento é de máxima importância, visto que, empregando-as corretamente, em combinação com a voz e gestos, o cinófilo poderá transmitir sua vontade ao cão e mantê-lo sob contrôle e disciplina.

17. INSTALAÇÕES

As sessões de adestramento básico serão ministradas em uma área interna, podendo, entretanto, ser aproveitada, quando necessário, uma área externa.

Fig 1 — Equipamento para manejo do cão

18. NORMAS GERAIS

a. Logo que o cinófilo recebe o cão que lhe foi distribuído, leva-o para um passeio à trela, a fim de com êle familiarizar-se, o que contribuirá para estabelecer um entendimento mútuo antes que o adestramento seja iniciado.

b. O adestramento é organizado da seguinte maneira:

(1) A unidade básica de adestramento é o «Grupo» (Fig 2) com seu respectivo auxiliar de instrutor.

(2) No início de uma sessão de adestramento, cada auxiliar de instrutor, conduzirá seu grupo de cinófilos aos canis, para retirarem os animais com os quais trabalharão naquela sessão.

(3) Sob a supervisão do auxiliar de instrutor, os cinófilos colocarão as trelas em seus cães e entrarão em forma, ficando cada cão do lado esquerdo do cinófilo respectivo. Manter-se-á um intervalo de cêrca de 2 metros entre os cinófilos.

(4) Esta é a formação inicial para o adestramento que será realizado pelo instrutor ou seu auxiliar, ou por ambos.

(5) Ao terminar a sessão de adestramento, o auxiliar de instrutor conduzirá seu grupo aos canis, onde mais um grupo de cães será reunido para a sessão seguinte.

(6) A duração de cada sessão de adestramento será estipulada pelo instrutor de acôrdo com as condições atmosféricas e o estado de voluntariedade dos cães. Ordi-

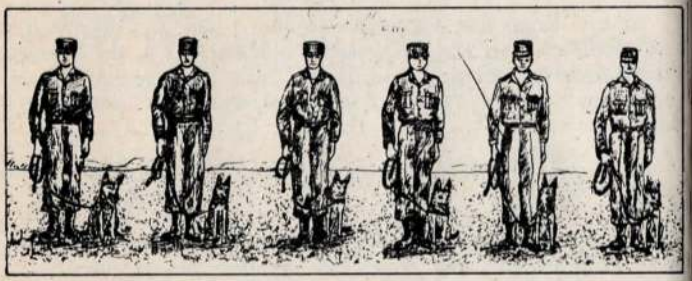


Fig 2 — Grupo de Cães de Guerra

nàriamente as sessões deverão ser freqüentes e curtas (10 a 20 minutos cada) e realizadas durante o dia. Durante o tempo de calor, com uma temperatura de 32°, 5 ou mais, as sessões só serão realizadas às primeiras horas da manhã.

(7) Cada sessão será iniciada com um exercício ligeiro de comandos que o cão já tenha aprendido. Desta maneira o domínio do cão sôbre suas reações básicas ficará fortalecido. Por outro lado, iniciando-se o trabalho com uma atividade familiar dar-se-á confiança ao animal, colocando-o dentro de um clima de obediência em condições de aprender o novo exercício. As sessões de revisão poderão ser diminuidas em cêrca de 5 minutos, conforme o progresso apresentado no adestramento.

ARTIGO V

ADESTRAMENTO BÁSICO COM TRELA

19. GENERALIDADES

O adestramento básico não é ministrado visando a utilização do cão para fins militares. Êle visará tão sòmente o desenvolvimento nos animais, daí por diante, de um comportamento que é imprescindível para a realização, com eficiência, de um adestramento tendo em vista as funções militares específicas. Um cão que conclui com êxito o adestramento básico acha-se disciplinado e preparado para ser treinado em missões militares. Além disso, seu comportamento durante o período básico, se observado devidamente, é um indício para se selecionar o tipo de instrução especializada para a qual apresenta maiores tendências.

20. JUNTO

a. **Padrão de Execução** — Ao comando de «JUNTO», o cão, por iniciativa própria, deverá colocar-se do lado esquerdo do cinófilo com o seu ombro direito na altura do joelho daquele. A trela penderá frouxa. O cão deverá acompanhar corretamente o cinófilo tôda vez que êste mudar sua direção de deslocamento ou caminhar atra-

vés de um grupo de pessoas, ou ainda, quando fizer alto (Fig 3).

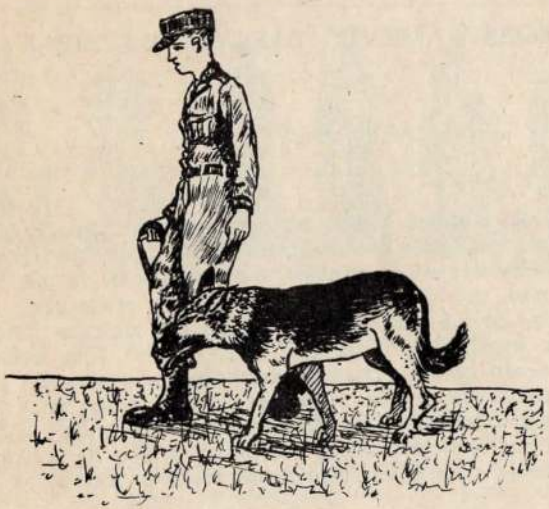


Fig. 3 O cão «JUNTO» durante a marcha.

b. **Método de Adestramento**

(1) **Exercício Inicial** — O grupo entra em forma cada cão a esquerda do seu cinófilo. Êste, com a mão direita, deverá segurar a extremidade da trela deixando-a pender à sua frente.

(a) O instrutor ou seu auxiliar dará o comando «EM FRENTE, MARCHE!». Cada cinófilo emitirá então para o seu cão o comando «JUNTO», com voz firme, puxará levemente a trela, porém com firmeza, e deslocar-se-á mantendo um intervalo de 2 metros entre si e o cinófilo da direita. O grupo fará voltas em tôrno do campo no sentido do movimento dos ponteiros dos relógios mudando a direção de marcha ao atingir cada canto da área, independetemente de comando. Durante o deslocamento, cada cinófilo repetirá o comando «JUNTO» após cada dois ou três passos e, continuamente, colocará à prova o aprendizado, verificando se o cão caminha com facilidade ao seu lado, estando com a trela frouxa. De tempos em tempos êle suplementará o comando oral com um comando por gestos que consiste em bater com a mão esquerda na coxa (Fig 4). Se o cão se adiantar ou se atrasar, o cinófilo puxará a trela repetindo o comando «JUNTO» e batendo novamente na coxa. A trela nunca deverá ficar esticada, nem se deverá permitir ao cão puxá-la. Quando necessário, o cinófilo puxará várias vêzes a trela afrouxando-a após cada puxão. Puxar a trela com fôrça e durante um tempo prolongado fará o cão enrijecer os músculos no sentido oposto tornando a trela ineficaz para o adestramento. Se o cão avançar e esticar a trela o cinófilo deverá colocar a mão sôbre ela para diminuir a tensão, puxando-a em seguida.

(b) Êste exercício será também praticado caminhando em volta do campo de instrução, no sentido contrário ao dos ponteiros do relógio, tão logo o cão esteja

Fig. 4 — Gesto de comando «JUNTO».

em condições de aprender a fazer voltas à esquerda e sa
ba ficar «JUNTO» com perfeição. O cinófilo poderá toca
o ombro do cão com sua perna esquerda ao iniciar um
volta para a esquerda, pois assim ajudará o animal a com
preender a direção que deve tomar.

(2) **Exercício Avançado** — Para variar a monotonia da prática de «JUNTO», bem como ensinar aos cães a se manterem juntos aos cinófilos, devem ser dados de vez em quando, comandos de «FRENTE PARA A ESQUERDA» «PARA A DIREITA» e «PARA A RETAGUARDA».

(a) Ao comando «FRENTE PARA A ESQUERDA (DIREITA)», «MARCHE», cada cinófilo executará um quarto de volta na direção desejada, dando ao mesmo tempo o comando de «JUNTO» e batendo na coxa.

(b) O comando «FRENTE PARA A RETAGUARDA», «MARCHE», é dado quando o grupo está em coluna por um e postado em tôrno do campo de instrução. Ao comando «MARCHE» cada cinófilo dará um ou mais passos para a frente voltando-se para a retaguarda, quando então deverá dar o comando de «JUNTO» e puxar a trela. O cinófilo poderá dar um ou dois puxões durante a volta, para ajudar o cão a compreender que tem de seguir acompanhando o cinófilo, permanecendo «JUNTO» e do seu lado esquerdo.

c. **Duração do Adestramento**

Êste exercício será realizado em sessões com cêrca de 15 minutos até ser executado com perfeição.

21. SENTA

a. **Padrão de Execução**

Ao comando de «SENTA» que é dado quando o cão se encontra em pé, deitado ou «JUNTO» o animal deverá tomar imediatamente a posição sentada.

b. **Método de Adestramento**

(1) O comando de «SENTA» é ensinado em combinação com o de «JUNTO», mas só depois do cão ter aprendido êste último. Após várias voltas no campo de instrução, o instrutor ou auxiliar do instrutor comandará «ALTO». Logo que o cinófilo pára, comandará «SENTA». Ao mesmo tempo empurra a garupa do cão para baixo e com a mão direita puxa a trela para cima (Fig 5). Seguirá êste método para cada repetição do comando «SENTA»,

Fig 5 — O cinófilo ensinando o cão a tomar a posição sentada.

até que o cão entenda o que se deseja obter dêle e obedeça apenas ao comando oral.

(2) Se o cão não sentar olhando diretamente para a frente, mas sim para a esquerda ou direita ou para o cinófilo, êste força o corpo do cão com a mão esquerda para colocá-lo na posição correta. Se o cão sentar atrás do cinófilo ou do seu lado, mas distanciado, o cinófilo deverá puxar a trela trazendo a cabeça do cão para perto do seu lado esquerdo, enquanto que com a sua mão esquerda impedirá que o cão se levante. Esta correção é mais eficiente quando executada no momento em que o cão está se sentando, antes do trazeiro tocar o solo. Cada cinófilo deverá exigir uma posição perfeita após cada alto (Fig 6). O instrutor ou seu auxiliar deverá dar bastante tempo não só para o cão executar o comando «SENTA» como também, para o cinófilo corrigir a posição, e só depois é que repetirá a ordem de «EM FRENTE, MARCHE!». A êste comando, o cinófilo dará o de «JUNTO» como já foi descrito e inicia a marcha. Êste exercício deverá ser repetido tantas vêzes quantas forem necessárias para o cão aprender a sentar, apenas a comando oral.

22. DEITA

a. **Padrão de Execução** Ao comando «DEITA», que é seguido de um movimento do braço para baixo (Fig 7), o animal deverá tomar prontamente a posição em decúbito externo abdominal. O cão deverá executar o movimento a comando oral ou por gestos, quer esteja em pé, quer sentado ou junto (Fig 8).

Fig. 6 — Em posição sentada.

Fig 7 — Comando por gesto de «DEITA» .

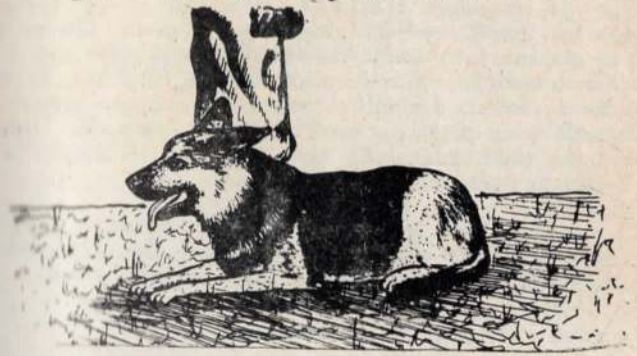


Fig 8 — Cão em posição deitada

b. **Método de Adestramento**

(1) **Formação** — O exercício de deitar poderá ser ensinado melhor com os cinófilos colocados em linha, defronte a seus cães. Cada um dêles dará o comando para o seu cão, enquanto o instrutor, ou seu auxiliar se deslocará ao longo da formação para ajudá-los ou fazer correções.

(2) **Método**

(a) O cinófilo não empregará o comando por gestos quando no início da instrução de deitar. Dêste modo, ao comando «DEITA» segura a trela do cão junto à coleira forçando-a para baixo. Se o animal reage e se recusa a deitar, o cinófilo com a mão esquerda segura as patas dianteiras do cão deslocando-as para frente, enquanto que com a mão direita puxa a trela para baixo, ao mesmo tempo que comanda «DEITA». Tão logo o cão tenha deitado o cinófilo deverá elogiá-lo e afagá-lo. Depois disso, permanecendo à frente do animal e segurando com a mão a extremidade da trela comandará «SENTA». Se o cão não se sentar, o cinófilo puxará a trela para cima e, chegando para perto do cão, repetirá o comando. Logo que o cão tenha executado com perfeição, o cinófilo deverá afagá-lo mais uma vez.

(b) Logo que o cão tenha aprendido a deitar sem ser tocado pelo cinófilo, êste passará a dar o comando por gestos (Fig 7) acompanhado pelo comando a voz.

c. **Duração de Adestramento**

Êste exercício deverá ser repetido quatro ou cinco vêzes em cada sessão. É um exercício depressivo e não deverá ser repetido demasiadas vêzes seguidas. Após o período inicial deverá ser executado com uma série de exercícios que lhe sejam correlatos tais como os de «JUNTO» e «SENTA» que poderão ser alternados ou executados em seqüência.

23. PÁRA

a. **Padrão de Execução** — Ao comando de «PÁRA» o cão deverá permanecer na posição em que se encontra, enquanto o cinófilo dêle se afasta, ficando nesta posição até que o cinófilo volte e dê um comando diferente. O comando «PÁRA» pode ser dado enquanto o cão estiver «JUNTO», «SENTADO» ou «DEITADO».

b. **Método de Adestramento**

(1) **Pára — Partindo da posição deitada**

(a) O adestramento de «PÁRA» deverá ser iniciado partindo da posição deitada, uma vez que esta é a posição mais fácil de ser mantida pelo cão. A trela de 1,60 m é empregada para a instrução de «PÁRA». Cada cinófilo dará ao cão o comando de «PÁRA». Tão logo o cão obedeça, o cinófilo começará a se retirar lentamente mantendo-se atento ao cão e empregando o gesto mostrado na figura 9, ao mesmo tempo que deverá repetir o comando «PÁRA» com firmeza, porém alongando sua duração. O cinófilo chegará à extremidade da trela sempre mantendo seus olhos no cão e atento a qualquer sinal que indique estar êle prestes a se levantar; se houver evidência de que o animal não está querendo ficar na posição determinada, o cinófilo deverá voltar-se para êle e gesticulando repetirá o comando «PÁRA», «PÁRA». Se o cão procurar aproximar-se do cinófilo após o comando de «PÁRA»,

êste comandará «NAO!» «PARA» e fará o cão voltar ao local onde recebeu o primeiro comando de «PÁRA». Em seguida se afastará novamente, após o que deverá voltar a se aproximar do cão passando pelo lado esquerdo, circundando-o e parando de modo a ter o cão à sua esquerda. Durante êste movimento o cinófilo deverá comandar, repetidamente, com voz suave, «PÁRA!» «PÁRA!». Finalmente dará ao seu cão o comando «SENTA» e, tão logo êle o execute, deverá elogiá-lo, afagando-o.

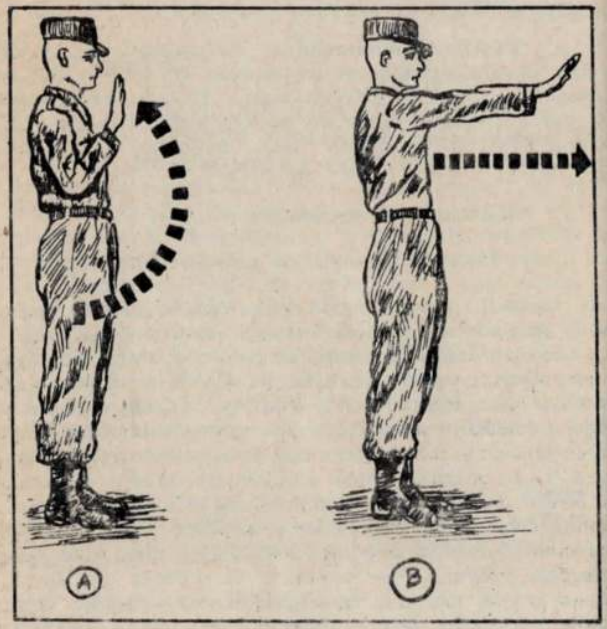


Fig. 9 — Comando por gesto de «PÁRA» estando o cinófilo diante do cão.

(b) A critério do instrutor ou de seu auxiliar, tão logo todos os cinófilos tenham conseguido obter sucesso, o grupo deverá ser colocado em linha e deslocar-se em círculos para uma repetição do exercício. Nas repetições dever-se-á ir gradativamente aumentando o tempo de permanência dos cinófilos afastados de seus cães.

Fig. 10 — Comando por gesto de «PÁRA» quando o cinófilo está junto ao chão.

(2) **Pára — Partindo da Posição Sentada** — O cinófilo deverá ensinar seu cão a parar em posição sentada pelo processo já descrito acima devendo acrescentar ao comando inicial de parar o comando por gestos mostrado na figura 10. Deve-se alternar o adestramento partindo ora da posição deitada ora da posição sentada até que o cão tenha aprendido.

(3) **Pára — Na corrente e em Silêncio** — O cinófilo deverá colocar a corrente no cão prendendo-a a um poste ou estaca. Em seguida afastar-se-á a uma pequena distância de onde ficará observando o animal. Se êle começar a ganir ou latir, o cinófilo deverá repreendê-lo com um enérgico «NÃO!» e, aproximando-se, procurará aquietá-lo. Quando o animal tiver permanecido cêrca de um (1) minuto em silêncio o cinófilo deverá dar-lhe uma recompensa e soltá-lo. Gradativamente aumentar-se-á o tempo de permanência amarrado. Assim que o cão estiver acostumado a ficar em silêncio o cinófilo passará a afastar-se de suas vistas. Mais tarde a corrente é substituída pela trela e o cinófilo deverá ficar num local de onde permanecerá atento para evitar que o cão adquira o hábito de morder a trela.

24. AQUI

a. **Padrão de Execução** — Depois do cão ter aprendido a executar o comando de «PÁRA», o cinófilo ensinará o comando de «AQUI». Com o cão parado, o cinófilo deverá chamá-lo pelo seu nome acrescentando imediatamente o comando de «AQUI» (Fig 11). O animal deverá

rápidamente deslocar-se para ficar «JUNTO», sentando-se em seguida junto ao cinófilo.

Fig 11 — O cão vem ao cinófilo quando chamado.

b. **Método de Adestramento**

(1) **Exercício Inicial** — O cinófilo comandará «DEITA» — «PÁRA» e afastar-se-á até a extremidade da trela de 1,60m. Depois que o cão tiver executado o comando e permanecido na posição deitada o cinófilo chama-o pelo seu nome, dando em seguida a ordem «AQUI». Enquanto

isso, deverá puxar ligeiramente a trela para lembrar o significado do seu comando, reforçando-o com o gesto mostrado na figura 12. Em seguida passará a extremidade da trela para a mão direita e comandará «JUNTO», ao mesmo tempo que deverá dar um passo duplo à retaguarda partindo com o pé esquerdo e, segurando a região mediana da trela com a mão esquerda, procurará fazer com que o cão fique «JUNTO». Após o que deverá dar o comando de «SENTA» e, uma vez tenha o animal obedecido, o cinófilo far-lhe-á afagos dirigindo-lhe palavras de incentivo.

Fig. 12 — Comando por gesto de «AQUI».

(2) **Exercícios Adiantados**

(a) O cinófilo utilizando uma trela com cêrca de 7,50m, agirá como foi descrito na letra **a** acima, afastando-se pouco a pouco até atingir a extremidade da trela, após o que (Fig 13) chamará o cão pelo nome, certificando-se de que êle se mantém atento. Se o animal começar a farejar o chão ou virar-se para observar um outro cão o cinófilo imediatamente deverá puxar a trela repetindo, com voz enérgica, o comando «AQUI». Se julgar necessário poderá puxar a trela arrastando o cão para junto de si.

Fig. 13 — Emprêgo da trela de 7,50 m, para a prática do comando de «AQUI».

(b) Depois de alguns dias, todos os cães do Grupo já deverão ser capazes de executar o comando sem dificuldades. O instrutor ou seu auxiliar, faz os cinófilos se afas-

tarem para uma distância de 15 a 18 metros e que permitam aos cães andarem em volta, na distância do comprimento da trela, farejando à vontade. Com intervalos de 1 a 2 minutos cada cinófilo chamará o seu cão pelo nome e comandará «AQUI». Caso não seja obedecido imediatamente, puxará a trela com energia. Se necessário deverá dar pequenos puxões na trela, com pequenos intervalos, induzindo pela voz o cão a vir. Logo que êle se aproxime o cinófilo deverá elogiá-lo e afagá-lo permitindo-o andar em liberdade outra vez. Caso necessário deverá estimular o animal a praticar com êle, dando início à ação. Tão logo o cão se movimente o cinófilo deverá demonstrar a sua satisfação dizendo «BOM». O cão terá idéia de que êste é um sinal de liberdade e que isto significará que êle está sôlto podendo brincar e farejar à vontade. Ao chamar o cão o tom de voz deverá ser firme mas nunca agressivo e, quando êste obedecer ao chamado, mesmo que para isso tenha de ser puxado pela trela, deverá ser incentivado e nunca punido.

25. CRAU

a. Padrão de Execução

Ao comando de «CRAU», o cão deverá mover-se lentamente rente ao chão acompanhado de seu cinófilo ou vindo em sua direção. Êste tipo de movimento permite avaliar a capacidade do animal de atuar em patrulhas sob o fogo e observação inimiga.

b. Método de Adestramento

A trela deverá ser mantida curta pelo cinófilo que comandará. «DEITA» executando êle também a ordem dada. Em seguida dará a ordem de «CRAU» e iniciará o deslocamento, encorajando o cão a proceder da mesma maneira. (Fig 14). A trela poderá ser empregada para efetuar correções. Depois do cão ter aprendido a rastejar acompanhado pelo cinófilo, ser-lhe-á ensinado a rastejar sòzinho. O cinófilo caminhará a seu lado, conforme mostra a Fig 15; se o animal tentar levantar-se, deverá ser empurrado para baixo, forçando-se-o com a mão sôbre o garrote e ao mesmo tempo ordenando-lhe: «NAO!» «CRAU!». Na sessão de adestra-

Fig 14 — O cinófilo rastejando com o cão.

Fig 15 — O cão rastejando a comando.

mento seguinte o cinófilo ficará em pé, de frente para o chão, a uma distância de no máximo um metro e comandará «DEITA», depois «CRAU» (Fig 16). A distância entre o cinófilo e o cão deverá ir aumentando gradativamente, conforme o progresso conseguido no adestramento.

26. UPA

a. **Padrão de Execução** — Quase todo cão pode pular ou escalar um obstáculo com cêrca de 1 metro de al-

Fig 16 — Comando por gestos para «RASTEJAR»

tura. O objetivo desta instrução será fazer com que êle salte mediante ordem, antecedendo ao cinófilo (Fig 17). Ao comando de «UPA!», o cão deverá saltar ou escalar imediatamente o obstáculo e em seguida colocar-se «JUNTO» ou retornar ao cinófilo, conforme o local onde êste se encontre. (Um cão pulará por sôbre um obstáculo ou uma cêrca baixa desde que se sinta capaz de fazê-lo com

um salto. Caso a cêrca ou obstáculo seja mais alto, o animal deverá aprender a dar um salto inicial ganhando o máximo de altura possível para, em seguida, tentar a escalada a fim de ultrapassá-lo).

Fig. 17 — Cão saltando um obstáculo de instrução.

b. **Método de Adestramento**

(1) Adestramento inicial

(a) Um cão poderá ficar com mêdo de um obstáculo mesmo que já tenha sido adestrado a saltar outros. Entretanto, é melhor iniciar a instrução com obstáculos que

possuam partes amovíveis, retirando-se tôdas elas exceto as duais mais baixas de modo que sua altura facilite a transposição.

(b) O Instrutor (ou seu auxiliar) determinará que componentes do Grupo se coloquem com seus cães em posição formando um pequeno quadrado. Iniciando pelo cinófilo da testa ordenará que cada um, na sua vez, induza o seu cão a transpor o obstáculo. Cada cinófilo deverá então colocar-se além do obstáculo e dar o comando «UPA». Se o cão vacilar ou não cumprir a ordem, o cinófilo deverá ensiná-lo e auxiliá-lo a transpor o obstáculo puxando a trela com energia. Logo que o cão atingir o outro lado o cinófilo deverá imediatamente elogiá-lo e, retirando-se de perto do obstáculo, comandar: «JUNTO». Êste exercício será repetido tantas vêzes quantas necessá-

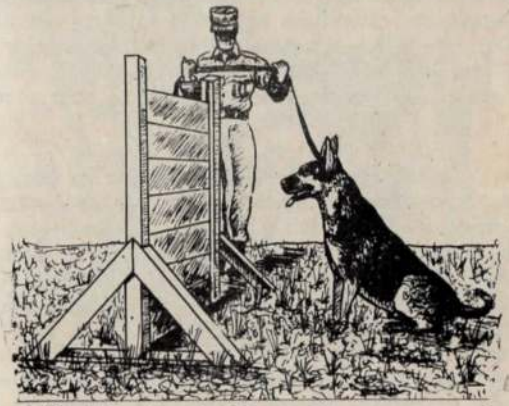


Fig. 18 — Posição do cinófilo e do cão para saltar, partindo da posição sentada.

rias para que cada cão do Grupo aprenda a obedecer ao comando dado. Aquêles que aprenderem mais ràpidamente serão mantidos na formação junto com os mais atrasados durante tôda a sessão de adestramento, pois será conveniente que os cães, com mais dificuldades para aprender, observem os demais transporem com êxito o obstáculo.

c. **Instrução Adiantada**

(1) Quando todos os cães já tiverem obtido êxito com a altura inicial, ela deverá ser aumentada de uma tábua, repetindo-se o exercício. Quando a segunda tábua fôr colocada no obstáculo cada cão já deverá estar tão adestrado na obediência ao comando «UPA», a ponto de não se tornar mais necessário ao cinófilo acompanhá-lo na transposição. Em vez disso, o cinófilo deverá deslocar-se em direção ao lado direito do obstáculo enquanto que com a mão esquerda estendida segurará a parte mediana da trela, para evitar que o animal refugue. Ao atingir o obstáculo, deverá soltar a trela da mão esquerda, continuando, entretanto, a segurar sua extremidade com a mão direita.

(2) Os exercícios de saltar, partindo da posição sentada, são realizados da seguinte maneira: o obstáculo deverá ter uma altura média; o cinófilo deslocar-se-á em direção ao obstáculo, fará alto e mandará o cão sentar-se e, em seguida, dará o comando de «UPA» (Fig 19). O cinófilo deverá deslocar-se, então, pelo lado direito do obstáculo segurando a parte média da trela com a mão esquerda e tendo o braço estendido de modo a possibilitar um salto sem dificuldade. Logo que o cão tenha atingido o outro lado, o cinófilo deverá elogiá-lo e comandar: «JUNTO, dirigindo-se, posteriormente, para seu lugar em forma.

Fig 19 — Cão «JUNTO» sem trela.

Quando todos os animais já tiverem transposto o obstáculo, sua altura será aumentada e o exercício repetido.

(3) O salto, ensinado de maneira apropriada, é um exercício que incentiva o cão, devendo ser intercalado com «exercícios depressivos», tais como o de DEITA. Durante o adestramento deverão ser variados os obstáculos incluindo-se cêrcas, valas, muros e pequenos cursos d'água.

ARTIGO VI

ADESTRAMENTO BASICO SEM TRELA

27. GENERALIDADES

Quando o instrutor, ou seu auxiliar, verificar que os cães de um Grupo já estão trabalhando «bem» com a trela frouxa, iniciará o adestramento sem trela. Em primeiro lugar deverá selecionar sòmente os cães que apresentarem melhor rendimento organizando com os mesmos uma turma especial de adestramento livre. As demais turmas irão sendo progressivamente formadas até que todos os animais aprendam a trabalhar sem trela. Os cães que ainda não tiverem obtido rendimento com trela deverão ser submetidos a sessões extras de adestramento para não atrasarem o aprendizado dos demais. Ao se iniciar o adestramento sem trela os animais deverão ser amordaçados para reduzir-se a possibilidade de brigarem.

28. MÉTODO DE ADESTRAMENTO

a. O adestramento para atuar livre, segue o mesmo processo descrito para o trabalho com a trela. Durante

os exercícios em liberdade, o cinófilo contará para orientar o seu cão, não só com o tom de sua voz e os gestos de comando, mas também, com a afeição que tenha sido estabelecida entre êles e a atitude de obediência já adquirida pelo animal. Todavia, o cinófilo deverá estar sempre alerta para qualquer sinal de indecisão por parte do cão em obedecê-lo e pronto para evitar que rompa os laços de obediência ou abandone o exercício. Depois que o cão descobre que pode fugir ao contrôle do seu cinófilo, dispende-se muito tempo para fazer com que êle obedeça em liberdade. Quando êle desobedecer ou fugir ao contrôle deverá ser colocado imediatamente na trela e dessa forma passará a executar os exercícios até que o cinófilo sinta que êle já se encontra, outra vez, em condições de ser instruído em liberdade.

b. Mesmo depois dos cães terem atingido um estágio mais avançado, cada sessão de adestramento deverá ser iniciada com exercícios rápidos de «JUNTO» sem trela. A capacidade de executar, correta e prontamente qualquer ordem quando em liberdade é fundamental para tôdas as sessões de adestramento.

29. JUNTO

a. **Padrão de Execução** — O cão deverá ser capaz de acompanhar seu cinófilo mantendo-se sempre junto a êle,

sem se afastar do itinerário quer se encontrem isolados ou atravessando grupos de pessoas, quer façam voltas para a direita, para a esquerda ou para a retaguarda, e sempre obedecendo ao comando de «JUNTO» dado sòmente à voz ou por gestos.

b. **Método de Adestramento**

O processo deverá ser o mesmo descrito no parágrafo nº 20, com exceção de que o cinófilo corrigirá o cão sòmente pelo comando à voz ou por gestos. Ver Fig 19.

30. SENTA

a. **Padrão de Execução** — Ao comando «SENTA», que é dado quando o cão se encontra em pé, deitado ou junto, o animal deve tomar imediatamente a posição sentada.

b. **Método de adestramento** — Quando o cão estiver bem adestrado nos exercícios de «SENTA» realizados com trela frouxa, o instrutor determinará aos cinófilos que retirem a trela e iniciará o adestramento do comando «SENTA» em liberdade. O cão já estando adestrado em «SENTA» partindo da posição inicial, ser-lhe-á, então, ensinado a executar partindo da posição, de «EM PÉ» e «DEITADO». O comando por gestos para «SENTA» sem trela partindo das posições «EM PÉ e «DEITADO», é transmitido fazendo-se um movimento rápido do braço para cima, devendo cada cinófilo permanecer defronte de seu cão (Fig 20). A distância entre o cinófilo e o animal deverá ir aumentando gradativamente conforme o progresso no adestramento.

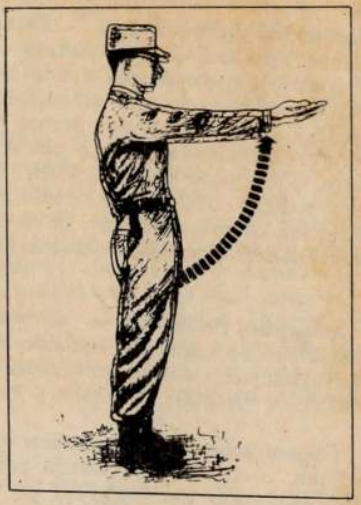


Fig. 20 — Comando por gesto de «SENTA».

31. DEITA

a. **Padrão de Execução** — Ao comando «DEITA» que é seguido de um movimento do braço para baixo (Fig 7), o animal deverá tomar prontamente a posição em decúbito externo abdominal. O cão deverá executar o movimento a comando oral ou por gestos, quer esteja em pé, quer sentado ou junto (Fig 8).

b. **Método de Adestramento** — Estando o cão «PARADO» a uma distância de 150 metros, ou mais, o cinófilo deverá chamá-lo pelo nome, dando em seguida o comando «AQUI». Antes do cão alcançá-lo, dá os comandos de «PARA» e «DEITA», por gestos ou a voz. O cão deverá executar prontamente cada comando fazendo alto imediatamente, a despeito da velocidade de sua andadura, indo tomar a posição DEITADA e nela permanecendo até que o cinófilo lhe dê nova ordem. O cão deverá ser adestrado na execução dos comandos dados à voz ou por gestos.

(1) **Requisito Preliminar** — O trabalho em conjunto neste exercício será iniciado quando todos os cães do grupo já estiverem executando satisfatòriamente os comandos de «PARA» e «AQUI», sem trela.

(2) **Organização** — Os cinófilos e os cães deverão entrar em linha, com a frente voltada para o Instrutor, ou seu auxiliar, mantendo um intervalo de 3 a 5 metros entre êles. Ao comando do instrutor cada cinófilo deverá voltar-se para seu cão e proceder como vai estabelecido a seguir.

(3) **Métodos**

(a) O cinófilo deverá dar os comandos de «DEITA» e «PARA»; em seguida fará meia volta, distanciando-se cêrca de 7,50 m de onde voltar-se-á de frente para o cão, após o que deverá chamar o animal pelo nome, acrescentando o comando «AQUI». Quando o cão encontrar-se à cêrca de 3 metros, o cinófilo dará os comandos de «PARA» e «DEITA» com voz firme, acompanhados do gesto respectivo, dando ao cão o tempo necessário para executar cada um dêles. Ao dar o primeiro comando de

«PARA», o cinófilo deverá deslocar-se um ou dois passos em direção ao cão. No início, os comandos a voz e por gestos deverão ser repetidos várias vêzes. Algumas vêzes o cinófilo se verá na contingência de ter que se aproximar do cão para forçá-lo a tomar a posição «DEITADA».

(b) Estando o cão na posição «DEITADA», o cinófilo deverá chamá-lo pelo nome e ordenar «AQUI». Tão logo a ordem tenha sido obedecida será dado o comando de «JUNTO» e, após afagar o animal repetir-se-á o exercício voltando-se ao ponto de partida. Depois do cão aprender com presteza o comando, o cinófilo deverá percorrer várias vêzes a distância entre êles, antes de iniciar a repetição do exercício. Conforme o cão vá ficando mais eficiente e seguro neste exercício, o cinófilo deverá alternar os comandos fazendo-os a voz e por gesto, de maneira que o animal aprenda a obedecer cada um dêles isoladamente.

32. PARA

a. **Padrão de Execução** — Aos comandos combinados de «PARA» — «DEITA» — «PARA» — «SENTA» «PARA» ou «PARA» isoladamente, que poderão ser dados estando o cão em qualquer andadura, o animal deverá tomar, imediatamente, a posição ordenada enquanto o cinófilo permanecer a sua frente. O cão deverá ficar nesta posição até que o cinófilo dêle se aproxime ou comande «AQUI».

b. **Método de Adestramento**

(1) Há dois requisitos indispensáveis para esta instrução:

(a) O cão já deverá estar capacitado a entrar em posição sem trela;

(b) O cão já deverá atender ao comando de «AQUI» prêso à trela de 7,50 m.

(2) O cinófilo deverá ser capaz de impor obediência ao animal através de seu comportamento geral, tom e timbre de sua voz e gestos de comando.

(3) A primeira fase de adestramento sem trela deverá seguir a mesma norma do exercício de «PÁRA» com trela (parágrafo 23).

(4) A segunda fase consistirá em fazer com que o cão permaneça «JUNTO» após um «ALTO». No âmbito do grupo e sob a direção do instrutor ou seu auxiliar, os cinófilos começarão a se deslocar com seus cães. A um sinal convencionado, cada cinófilo dará o comando de «PÁRA», colocando sua mão esquerda em frente ao focinho do cão para obrigá-lo a cumprir a ordem (Fig 10). Em seguida deverá desfazer o gesto executado, repetir o comando de «PÁRA» e virar-se ligeiramente para observar o cão. Tão logo o cão faça «ALTO» o cinófilo deslocar-se-á para cêrca de 3 metros à sua frente de onde ficará voltado para o animal, após o que o cinófilo voltará a se aproximar e comandará «SENTA». Êste exercício deverá ser repetido várias vêzes. A fim de quebrar a monotonia deverão ser intercalados exercícios de «JUNTO». Quando o cão já inspirar maior confiança, o cinófilo deverá aumentar a distância de afastamento após o comando de «PÁRA».

(5) Quando todos os cães do grupo já estiverem adestrados em ficar «parados» enquanto os cinófilos dêles se afastam, poder-se-á passar para o último estágio dêste adestramento, e que consistirá em fazer com que os cães permaneçam imóveis enquanto seus cinófilos desaparecem

de suas vistas. Sob a supervisão do instrutor ou seu auxiliar, cada cinófilo dará o comando de «DEITA», «PÁRA» e, em seguida, deslocar-se-á para longe, cêrca de 25m indo esconder-se num local prèviamente construído e de onde ficará observando o animal. A cêrca utilizada para salto servirá para tal fim, pois permitirá a observação através das frestas existentes entre as tábuas. Se o animal começar a erguer-se ou demonstrar indecisão, seu cinófilo deverá sair do observatório, avançar lentamente em sua direção e dirigir-se a êle em tom severo, recolocando-o, em seguida, onde se encontrava. Após o que o cinófilo regressará ao observatório. O instrutor (ou seu auxiliar) arbitrará quanto tempo os cinófilos deverão ficar ocultos. No início êsse tempo deverá ser de poucos segundos, porém à medida que o exercício fôr repetido, deverá ir aumentando até que o animal permaneça na posição sentada, em pé ou deitada, sem ver o cinófilo, por tempo indeterminado.

33. AQUI

a. **Padrão de Execução** — Depois do cão ter aprendido a executar o comando de «PÁRA», o cinófilo ensinará o comando de «AQUI». Com o cão parado, o cinófilo deverá chamá-lo pelo nome acrescentando imediatamente o comando de «AQUI» (Fig 12). O animal deverá, ràpidamente, deslocar-se para ficar «JUNTO», sentando-se, em seguida, ao lado do cinófilo.

b. **Método de Adestramento**

(1) O cinófilo seguirá o método descrito no § 24 b (2) com as seguintes modificações: prende a trela de 7,50 m na coleira, deixando-a estendida por sôbre o terreno à frente do animal. Não deverá segurar a extremidade da trela ao iniciar os exercícios. O cinófilo começará a prática ao comando de: «AQUI», fazendo dois ou três exercícios a pequenas distâncias (até 1,5 m). Após o cão ter obedecido com presteza, várias vêzes, deverá desenganchar a trela da coleira deixando esta extremidade sôbre o solo. Em seguida repetirá várias vêzes o exercício «VENHA», variando a distância (1,5 m a 3 m). Quando o cão já estiver obedecendo nessa distância, ela deverá ser gradativamente aumentada, até que o animal execute o comando à voz ou por gestos a uma distância de aproximadamente 100 m.

(2) Se a qualquer momento, durante a realização do adestramento o cão tornar-se desobediente, o cinófilo deverá colocá-lo outra vez à trela, como medida corretiva, fazendo-o repetir várias vêzes o comando.

34. UPA

a. **Padrão de Execução** — Ver parágrafo 26 — a.

b. **Método de Adestramento** — Quando todos os cães do grupo estiverem adestrados à trela na transposição do obstáculo a plena altura, estarão aptos a serem treinados para «SALTAR» ou «ESCALAR» sem trela (Fig. 21). O obstáculo deverá ser aumentado gradativamente e tão logo o cão seja capaz de transpô-lo em sua altura máxima e a executar uma posição comandada, passar-se-á à transposição de outros tipos de obstáculos. Não se deve exagerar o número de saltos em qualquer sessão de adestramento.

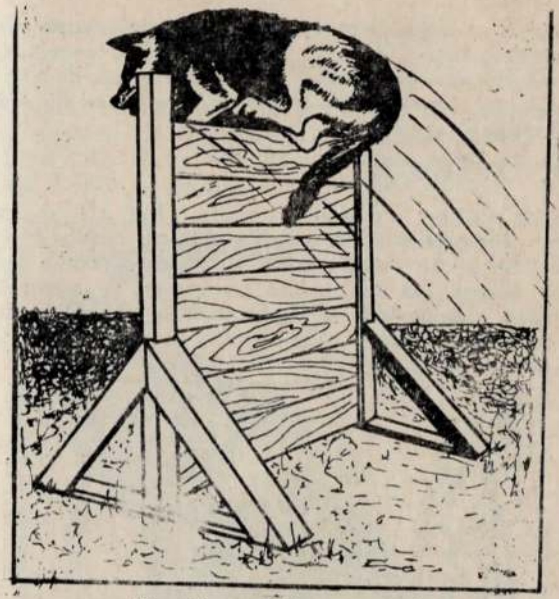


Fig 21 — Salto sem trela

ARTIGO VII

FAMILIARIZAÇÃO COM A MORDAÇA E A MÁSCARA CONTRA GAZES

35. GENERALIDADES

Só depois de terem sido adestrados a ficar «JUNTO» com trela, é que os cães deverão ser treinados no uso da

mordaça e máscara contra gazes. O equipamento deverá estar perfeitamente ajustado de modo a não provocar mal estar ou irritação no animal. A familiarização do cão com êsse material dependerá sòmente da paciência do cinófilo e da contínua repetição do exercício.

36. MORDAÇA

Após ajustar a mordaça no cão (Fig 22), o cinófilo iniciará deslocamento, em passos rápidos, tendo o animal à trela. Se o cão tentar retirar a mordaça com a pata, o cinófilo deverá dar um puxão para cima e, mantendo a trela tensa, prosseguirá no deslocamento. Tão logo o cão deixe de tentar arrancar a mordaça o cinófilo deverá afrouxar a trela e afagá-lo.

Fig 22 — O cão com mordaça.

37. MÁSCARA CONTRA GASES

Depois do cão habituar-se ao uso da mordaça, deverá ser treinado com a máscara contra gases (Fig 23). Inicialmente não se deverá fazer deslocamentos rápidos que possam tornar a respiração do animal ofegante.

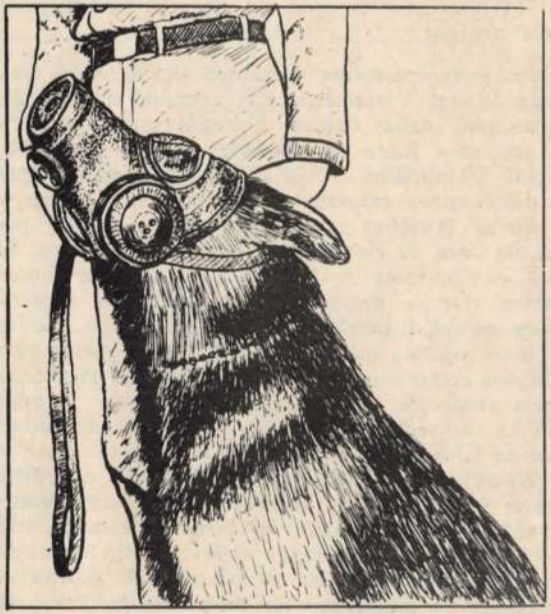


Fig 23 — O cão usando a máscara contra gases.

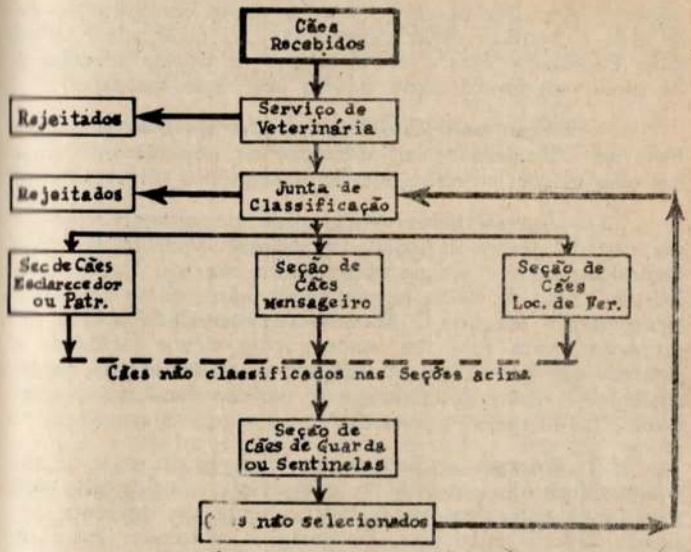
ARTIGO VIII

SELEÇAO DE CAES PARA O TREINAMENTO ESPECIALIZADO

38. PROCEDIMENTO RECOMENDADO

O procedimento a ser adotado nos Centros de Criação e Treinamento de cães de guerra, está ilustrado no esquema abaixo:

Os cães recentemente recebidos são de início examinados pelo Oficial Veterinário, que rejeitará aquêles que são incapazes por razões físicas. Os cães serão, então, observados por uma Junta de Classificação da qual fará parte o Oficial Veterinário. Com base nas características físicas e psicológicas exigidas e manifestadas, a Junta poderá fazer novas rejeições e encaminhará os aceites para as Seções de Cães de Esclarecedores ou Patrulheiros, Mensageiros, Localizadores de Feridos. Os cães de Guarda ou Sentinelas, que se destinam à função menos especializada e exigem menor dispêndio de tempo e esfôrço, são selecionados entre aquêles que foram julgados incapazes pelas demais Seções como mostra o esquema. Os que não foram retidos pela seção de cães sentinelas, poderão ir para uma «JUNTA» de reclassificação ou serão encaminhados para a Junta de Classificação para fins de rejeição. Êste processo de classificação poderá ter uma duração de vários dias e durante êsse tempo os instrutores em cada sessão farão observações próprias quanto às possibilidades de todos os cãe encaminhados para suas seções. Todo êsse procedimento poderá, todavia, ser modificado de acôrdo com as necessidades do momento, em determinados tipos de cães de guerra, e o suprimento disponível de cães, para todos os fins.



39. PROCESSO DE SELEÇAO

O têrmo «Seleção» refere-se ao processo empregado para classificar os cães nos tipos de missões para as quais pareçam estar melhor qualificados. Esta classificação deverá basear-se na observação das peculiaridades físicas e instintivas manifestadas pelos cães, quer por ocasião dos testes a que forem submetidos, quer pelo comportamento não só durante o período de adestramento básico, como também, após terem iniciado a instrução especializada. É

imperativo manter os cães sob observação constante durante todo o período de adestramento. As qualidades potenciais de alguns cães e as fraquezas de outros revelam-se de modo imprevisto como ocorre nos sêres humanos.

a. **Seleção para Cão Esclarecedor ou Patrulheiro** — Para ser considerado em condições de adestramento para patrulha os cães deverão possuir as seguintes características:

(1) **Agressividade** — O grau de agressividade de um cão de guerra é julgado quase que sòmente pela sua disposição para o ataque. Geralmente um cão que é classificado como de baixa agressividade não poderá ser adestrado para o ataque. O de média agressividade poderá ser preparado para êsse fim, embora com menor facilidade e presteza que um animal classificado como tendo alta agressividade. A única dificuldade com um cão demasiado agressivo, é faê-lo parar, prontamente, um ataque a comando.

(2) **Energia** — Êste têrmo refere-se ao grau de espontâneidade do cão, isto é, quantidade e velocidade dos seus movimentos em geral independente de qualquer comando. Neste particular, há grandes diferenças entre os cães. É mais fácil avaliar sua energia relativa do que suas outras peculiaridades. Energia acima da média é desejável em um cão de guerra, porque ela indica boa resistência física.

(3) Principais características:
(a) Inteligência: alto grau.
(b) Voluntariedade: alto grau.
(c) Agressividade: moderada.
(d) Resistência: alto grau.

(4) O cão esclarecedor ou patrulheiro deverá ser um animal rápido, corajoso e de tamanho médio, possuindo

faro altamente desenvolvido, audição acurada e uma boa capacidade para distinguir movimentos. Não deverá ser excessivamente excitável ou barulhento, nem é preciso ser dotado de grande velocidade.

b. **Seleção para o Cão Mensageiro** — Para que possa participar dêsse adestramento especializado deverá o cão possuir as seguintes características:

(1) Inteligência: alto grau.
(2) Voluntariedade: alto grau.
(3) Agressividade: moderada.
(4) Resistência: alto grau.
(5) Sensibilidade: moderada.

O cão mensageiro cumpre sua missão motivado tão sòmente pelo seu desejo de agradar aos seus dois cinófilos. Conseqüentemente, o cão mensageiro deve mostrar amizade e lealdade especial pelo homem. Deve ser dotado de grande coragem, pois, em muitas ocasiões, terá de levar a mensagem sob fogo de metralhadoras e de canhões. Ele deve ter capacidade de resistência, energia e persistência que o permitam palmilhar terreno difícil. Deve possuir superior faculdade para farejar e ouvir, ser dotado de grande velocidade e saber nadar. Deve ter altura média e tamanho capaz de permitir a transposição de terreno desfavorável. O cão mensageiro, à semelhança do cão sentinela e do cão patrulheiro, não deve ser contrariado. Quando capturado, procurará evadir-se e ao sentir-se acuado estará apto a defender-se. Deve ser de natureza desconfiada ao invés de agressiva, confiante e obediente aos seus dois cinófilos. Sòmente aos acenos e comandos feitos por êstes deverá obedecer.

c. **Seleção para Cão Localizador de Feridos**

Para o adestramento em trabalhos de localizar feridos, deverá o cão possuir as seguintes características:

(1) Inteligência: alto grau.
(2) Voluntariedade: alto grau.
(3) Energia: alto grau.
(4) Agressividade: baixa.
(5) Sensibilidade: moderada.

Deverá, ainda, o Cão Localizador de Feridos possuir excelente faro, resistência, bom senso de direção e acurada audição. Êle não deverá ser barulhento, excitável ou acostumado a brigar com outros cães. Seu porte deve ser médio. A falta de agressividade é um traço particularmente importante. O ferido, em seu delírio, poderá investir contra o cão que se aproxima, devendo êste ser adestrado, portanto, a não morder um ferido, ou aumentar-lhe o sofrimento mesmo em defesa própria.

d. **Seleção para Cão de Guarda ou Sentinela** — Para serem considerados aptos para o adestramento de guarda ou sentinela, os cães deverão possuir características especiais nos seguintes graus:

(1) Inteligência: de moderada a alta.
(2) Voluntariedade: de moderada a alta.
(3) Energia: de moderada a alta.
(4) Agressividade: alta.
(5) Sensibilidade: baixa a moderada.

ARTIGO IX

PRINCIPIOS DE ADESTRAMENTO ESPECIALIZADO

40. PRINCIPIOS FUNDAMENTAIS

A eficiência do adestramento especializado estará na dependência da observação dos seguintes princípios fundamentais:

a. **O Cão Deve ser Adestrado Sòmente para uma Função** — Êle poderá ser um bom cão de patrulha ou sentinela, mas jamais estará em condições de poder realizar as duas funções. Tendo em vista as limitações naturais do animal, qualquer esfôrço para adestrá-lo em mais de uma tarefa diminuirá suas possibilidades.

b. **O Comportamento do Cinófilo é de Máxima Importância** — Êle deverá estar plenamente consciente da missão que está executando, compreender e reconhecer o fato de que os cães são empregados para evitar o desgaste em pessoal, preservar a vida humana e facilitar o desempenho de determinadas missões militares graças às grandes possibilidades que possuem.

c. **O Valor do Entendimento Mútuo entre o Cinófilo e o Cão não Deverá ser Superestimado** — O cão e o seu cinófilo deverão trabalhar em equipe. Entretanto, nenhum cinófilo deverá ser forçado a adestrar um animal que considere inaproveitável. Pela mesma razão se um cão apresentar-se sem propensão a trabalhar com determinado cinófilo tornar-se-á necessário distribuí-lo a outro. Por outro lado, uma vez que tenha sido formada uma dupla, a afinidade existente dentro dela não deverá sofrer a interferência de ninguém. Sòmente o cinófilo deverá afagar, alimentar ou, em outras palavras, dar assistência constante ao seu animal.

d. **A Associação de Idéias Facilitará o Adestramento** — Sempre que se empregar nos exercícios uma aparelhagem especial o cão deverá aprender associar o material que está sendo utilizado, com o trabalho que irá realizar.

e. **O Cão Deverá Sentir-se Incentivado não só com os Elogios ou Afagos mas também com o Êxito da Missão**

Cumprida — O cão poderá e deverá ser adestrado para realizar uma tarefa cujo maior prêmio será concluí-la com êxito e não visando recompensas que receberá de seu cinófilo. Entretanto, durante qualquer exercício dever-se-á permitir ao cão terminá-lo com êxito a despeito dos erros cometidos. Deve-se deixá-lo sempre concluir.

f. Realizar o adestramento através do terreno variado e sob fogo ou outros artifícios, não só para desenvolver a responsabilidade do cão pelas tarefas que lhe estão afetas, como, também, para haver segurança quanto ao cumprimento da missão.

g. **A eficiência do cão é Desenvolvida Através do Adestramento Diurno** — Os resultados obtidos no adestramento diurno terão grande influência nas operações noturnas. O adestramento à noite é de difícil execução porque o cinófilo ficará sem poder observar e corrigir os erros do seu cão. Porém, o animal poderá levar para o adestramento noturno tudo o que aprender no adestramento diurno. Só depois que o cinófilo e o cão estiverem eficientes para o emprêgo de dia é que se dará início ao adestramento noturno.

ARTIGO X

ADESTRAMENTO ESPECIALIZADO DO CÃO ESCLARECEDOR OU PATRULHEIRO

41. GENERALIDADES

a. Antes do cão iniciar a instrução de esclarecedor já deverá estar adestrado a obedecer os comandos, dados à voz

ou por gestos. Deverá, também, já estar habituado a deslocar-se em viaturas e estar acostumado com o estampido de armas de fogo.

b. O cinófilo já deverá estar perfeitamente familiarizado com a influência dos ventos e odores, sôbre o modo de atuar do cão e quais as peculiaridades do seu animal nesse aspecto, e aprender a intrepertar e entender o cão de modo a poder traduzir qualquer sinal indicativo da aproximação ou presença do inimigo.

c. O auxiliar do instrutor fará a parte da figuração inimiga. No início não deverá esconder-se sempre atrás de cobertas, tais como árvores, rochas ou arbustos. Se após os primeiros três ou quatro lanços, o cão encontrar a figuração atrás de alguma coberta natural, êle associará êsse ponto com a descoberta feita e, conseqüentemente, passará a confiar sòmente no seu golpe de vista para efetuar a busca, não empregando o seu faro e sua audição, que são os sentidos dos quais deverá aprender a se valer.

d. O local de adestramento deverá ser mudado diàriamente de modo que o cão não aprenda a associar a figuração inimiga com determinadas características da área.

e. O adestramento deverá ser realizado em sua maior parte durante o dia. O instrutor julgará quando o cão e o cinófilo já estiverem prontos na instrução diurna, iniciando então os exercícios noturnos.

42. EQUIPAMENTO

O cinófilo nessecitará de uma coleira, tipo enforcamento, uma trela de cerca de 1,60m, outra de 7,50m e arreiamento para esclarecedor. As coleiras de couro e as correntes poderão ser necessárias para prender os animais que não estiverem atuando.

43. ZONEAMENTO

a. Zoneamento é o método que o cinófilo e seu cão empregam para vasculhar uma área, aproveitando-se de todas as vantagens propiciadas pelo vento para localizar qualquer inimigo existente. Os odores transportados pelo vento podem enganar o animal. Algumas vêzes o cão poderá percebê-los de um local, ao passo que de outro, bem próximo de suas origens, não poderá senti-los. O cinófilo, por êste motivo, deverá dar ao cão tôda aportunidade para descobrir um odor inimigo, guiando-o sistemáticamente através de uma área ampla, de modo que tôda brisa possa ser sentida pelo animal.

b. A figura 24 mostra o esquema de uma pista, com zoneamento, para adestramento. O instrutor preparará a pista e selecionará um ponto de partida abaixo da direção do vento e oposto ao da figuração. O cinófilo e seu cão deverão percorrer o itinerário conforme o diagrama da figura 24. O ponto A representa o lugar onde o cão dará o seu primeiro sinal ao pressentir um odor fraco. O cinófilo poderá deixar para escolher o itinerário partindo de uma região mais adiante, ou então aguardar um sinal mais forte. Daí em diante o cinófilo deixará o cão atuar livremente para localizar a figuração.

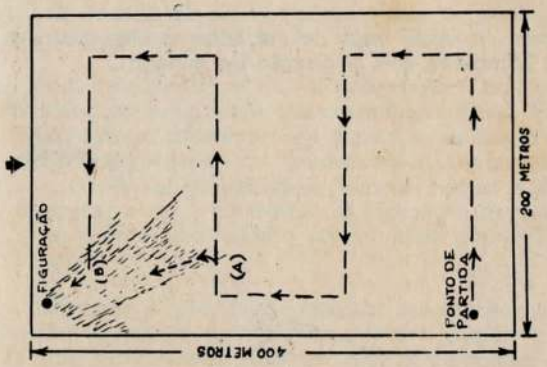


Fig. 24 — Itinerário do zoneamento do terreno para adestramento.

LEGENDA

A — PRIMEIRO SINAL DO CÃO

B — SINAL MAIS FORTE DO CÃO

PARTE SOMBREADA — ÁREA ABRANGIDA PELO ODOR

c. A figura 25 mostra, esquemáticamente, como o cinófilo e seu cão deverão vasculhar um terreno em busca do inimigo. O ponto **A** corresponde ao primeiro sinal do cão.

Baseado no conhecimento do seu animal sentirá que o sinal dado no local **A** é um sinal fraco. Os dois deverão prosseguir a busca conforme mostra a figura 25, devendo ocorrer outro sinal fraco em B. Ao atingir o ponto C o cinófilo ao

perceber um sinal forte deverá virar o cão contra o vento o que coincidirá com a direção do inimigo.

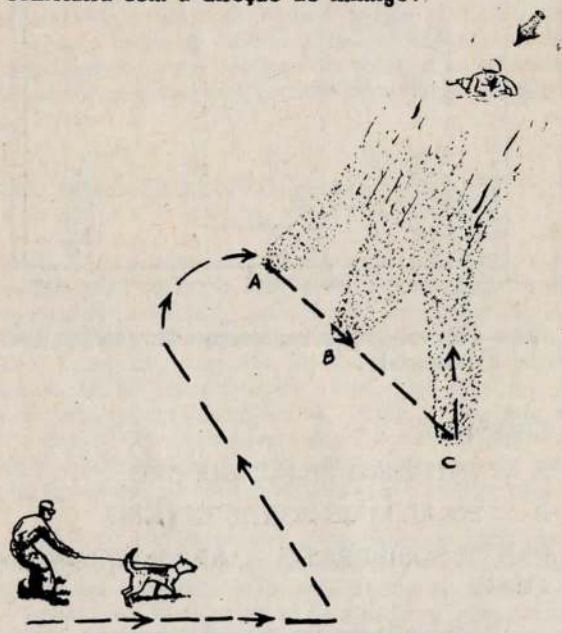


Fig 25 — Zoneamento em Campanha.

44. PROCESSO DE ADESTRAMENTO

a. O cão selecionado para a instrução de Esclarecedor ou Patrulheiro será considerado inapto se tentar latir

ou ganir. O cinófilo deverá empregar todos os meios possíveis para mantê-lo em silêncio.

b. Antes do cinófilo e seu cão chegarem à área de instrução o instrutor selecionará um caminho a seguir. Em seguida distribuirá os elementos da figuração inimiga, a cavaleiro do itinerário escolhido, colocando-os a intervalos diversos e a distâncias diferentes a favor e contra o vento. Nem o instrutor nem os elementos da figuração deverão caminhar pelo itinerário escolhido porque seus odores balizarão o trajeto.

c. A seguir o cão e seu cinófilo penetrarão na área de instrução, a qual, de preferência, deverá possuir vegetação alta que proporcione cobertas para a figuração. Uma vez no campo, o cinófilo deverá colocar no animal a trela de 1,60 m que só será utilizada quando em trabalho, e ser retirada logo após a conclusão do exercício. Ao iniciar a instrução o cinófilo comandará «BUSCA» deixando o cão deslocar-se a sua frente sob trela frouxa. O animal, então procurará localizar a figuração pelo faro, pela audição ou pela vista. Neste exercício inicial é importante que a figuração permaneça bem oculta das vistas e em silêncio, porém dentro de distâncias fàcilmente acessíveis ao faro e a favor do vento na direção do animal.

d. Deve-se fazer com que o cão permaneça com as narinas levantadas sentindo o vento a uma altura bem acima do nível do solo. Tôda vez que o cão sentir um cheiro que não seja o do seu dono, provàvelmente, terá uma das seguintes reações:

(1) Tensão integral do corpo.

(2) Eriçamento do pêlo no pescoço e dorso.

(3) Levantamento das orelhas.

(4) Outros sinais de alerta fàcilmente reconhecíveis por um observador atilado, tais como: desejo de investigar, tendência a rosnar ou chorar e rabo abanado, ou então, permanecendo com êle completamente imóvel.

e. Tão logo o cão dê mostras evidentes de que «está no faro» o cinófilo o incentivará. Êste incentivo deverá ser feito em voz baixa, quase em murmúrio, não devendo ser exagerado para evitar distrair o animal de sua tarefa. Alguns cães, logo que chegam à área de exercício tendem a voltar suas narinas para o solo procurando sentir o cheiro na terra. Neste caso, o cinófilo deverá, imediatamente, evitar que tal ocorra, colocando seu pé por baixo do queixo do animal, forçando-o a levantar a cabeça, ao mesmo tempo censurando-o com as palavras «NÃO! NÃO!» pronunciadas com severidade. É importante levantar o focinho do cão a uma altura conveniente tôda vez que tentar farejar rente ao solo.

f. Quando o cão der um sinal de alerta, o cinófilo concluirá qual a direção geral do esconderijo da figuração e comunicará ao instrutor. Caso esta dedução esteja certa, o instrutor ordenará ao cinófilo para prosseguir na direção do faro pressentido pelo cão. Quando o animal estiver a cêrca de 3 metros da figuração, o instrutor determinará que ela saia da coberta. O elemento encarregado da figuração deverá então aparecer e correr para a sua direita. O cinófilo, neste momento, deixará o cão perseguir a figuração num percurso de 10 a 13 metros e, em seguida, dirigir-se-á para a mesma figuração. O cinófilo deverá, então, recompensar o cão afagando-o e o exercício será considerado terminado.

g. À medida que os exercícios forem sendo repetidos, a região de zoneamento, a pista a percorrer e a quantidade de elementos da figuração deverão ser aumentadas. As distâncias entre o cão e os esconderijos deverão, também, ser progressivamente ampliadas. O cinófilo deverá dar ao animal tôdas as oportunidades possíveis para localizar os elementos da figuração. Para isto deverá parar de tempos em tempos, de tal modo que o cão possa tirar vantagem de tôda e qualquer brisa existente, e zonear o campo, se necessário, para o cão poder sentir bem o odor. O cinófilo deverá estar permanentemente atento às reações do animal, encorajando-o tão logo êste denote ter localizado uma figuração. Nem sempre deixar-se-á o cão ir ao encalço da figuração. O cinófilo deverá empregar a perseguição como uma forma de recompensa, mas irá restringindo-a cada vez mais com a progressão da instrução.

h. Êste exercício deverá ser repetido diàriamente, fazendo-se variar não só as características do terreno como as demais condições. A figuração deverá procurar arbustos, valas, galhos de árvores, rochas ou qualquer coberta natural ou artificial.

i. Dever-se-á variar a figuração empregando em cada dia elementos diferentes, de modo que o cão habitue-se a perceber todos os odores humanos que não sejam idênticos ao do seu cinófilo.

j. Após o cão e seu cinófilo terem atingido um perfeito entendimento mútuo, deverão ser realizados exercícios idênticos à noite.

45. ADESTRAMENTO PARA MISSÃO EM PÔSTO AVANÇADO

O processo para adestrar um cão para cumprir missões em um pôsto avançado, tendo em vista a prevenção contra infiltração inimiga, difere daquele descrito no parágrafo 44, nos seguintes pontos: o cão deverá permanecer imóvel e a figuração avançará ao longo de um itinerário camuflado, caso o exercício seja diurno; no caso do exercício ser realizado à noite, não será necessário adotar uma perfeita camuflagem do itinerário; o cão será treinado para dar sinal mesmo estando imóvel, e o cinófilo deverá concluir sôbre a aproximação da figuração analisando as reações do animal.

46. LIMITAÇÃO DOS CÃES ESCLARECEDORES OU PATRULHEIROS

a. A fumaça, a cerração, a chuva e a poeira reduzirão a eficiência dos cães.

b. O animal se cansará quando fôr empregado seguidamente em patrulhas.

c. Em regiões onde haja muito movimento e ruídos, o cão será passível de cometer enganos podendo perder o faro da tropa inimiga ou deixar de dar alerta.

d. Será necessário repetir-se, periòdicamente, o adestramento (básico e especializado), pois quanto mais tempo o animal passar sem adestramento, menos eficiente ficará.

e. O cão está sujeito às mesmas injunções que um ser humano. Assim, quando êle sentir muito frio ou muito calor, tenderá a ficar menos ativo.

f. Se nunca se der oportunidade ao cão para seguir uma pista pelo faro, sua eficiência se reduzirá. Na Zona de Combate, dever-se-á preparar uma área de adestramento situada à retaguarda, de modo a manter os animais permanentemente prontos para emprêgo.

ARTIGO XI

ADESTRAMENTO ESPECIALIZADO DO CÃO MENSAGEIRO

47. GENERALIDADES

a. Dois cinófilos serão designados para cada cão mensageiro. Ambos se esforçarão para dividir entre êles a amizade do cão. Participarão juntamente do adestramento e permitirão que o cão realize exercícios de que goste e execute bem. O instrutor fará todo o esfôrço para que os dois cinófilos fiquem igualmente capacitados no lidar com o cão e mereçam dêste igual afeição. Auxiliares poderão ser usados para observar e corrigir o cão quando êle estiver em missão longe dos seus cinófilos.

b. O adestramento inicial deverá ser feito em recinto fechado e completado, posteriormente, em terreno desconhecido que ofereça diferentes tipos de obstáculos.

c. A segunda parte do adestramento será realizada à luz do dia, devendo os testes finais serem executados de noite.

d. **Particularidades** — Durante o treinamento deverão ser criadas tôdas as espécies de incidentes, tais como: explo-

são de bombas; tiros de metralhadoras e de canhões; movimentos de tropa e viaturas e a presença de militares, civis e animais parados ou em movimento.

e. O adestramento do cão mensageiro baseia-se na afeição que êle dedica a seus dois cinófilos. Êstes e aquêle deverão dispor de bastante tempo para se conhecerem bem. Os cinófilos deverão brincar com o cão, alimentá-lo e tratá-lo e assim ganharem a sua afeição. Deverão aprender a empregar uma pronúncia uniforme nos comandos, os mesmos gestos e os mesmos métodos de elogios e recompensas. Os dois cinófilos participarão dos trabalhos de treinamento do cão pelo menos durante 30 minutos, diàriamente; juntos levarão o cão para exercícios e passeios. A afeição de cada cão poderá ser conseguida por processos diferentes, mas isso não exigirá muito tempo dos cinófilos para descobrirem que o emprêgo de recompensas terá particular importância na consecução daquele objetivo. Um prazo de duas semanas é suficiente, para que o cão reconheça seus cinófilos, sinta que êles são amigos e despreze qualquer outra pessoa.

48. EQUIPAMENTO

É o seguinte equipamento necessário:

a. Coleira com corrente.

b. Trela de couro com 1,60 m.

c. Trela de algodão com 7,50 m.

d. Coleira especial porta-mensagem, dotada de cartucheira (bolsa, sacola). (Fig 26).

49. PROCESSO DE ADESTRAMENTO

a. Os dois cinófilos, daqui por diante mencionados como «X» e «Y», levando o cão para uma área cercada para adestramento e se colocando face a face, distanciados cêrca de 6 metros. «X» segura a correia do cão, brinca com êle e o afaga. Comandará então para o cão: «SENTA», após o que ajoelhar-se-á e colocará a coleira porta-mensagem no pescoço do cão. «X» comandará: «LEVA», gesticulando para frente com seus braços e soltando a correia. Simultâneamente, «Y» ajoelhar-se-á, chamará o cão e quando êste se dirigir para êle comandará «SENTA» e, em seguida, removerá a coleira porta-mensagem. Removida esta, o cinófilo deverá levantar-se e afagar o cão.

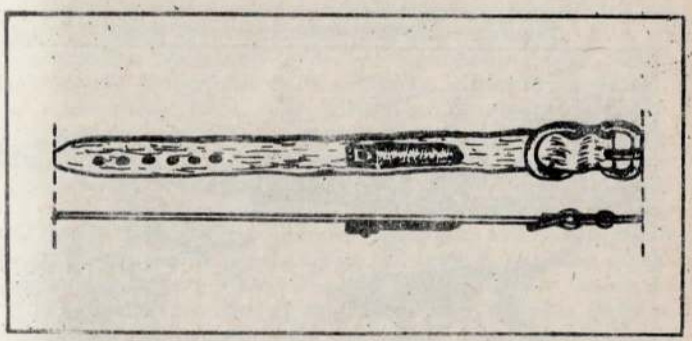


Fig. 26 — Coleira Especial Porta-Mensagem.

b. Tão logo o cão tenha executado o descrito na letra a anterior, será realizado idêntico procedimento em sen-

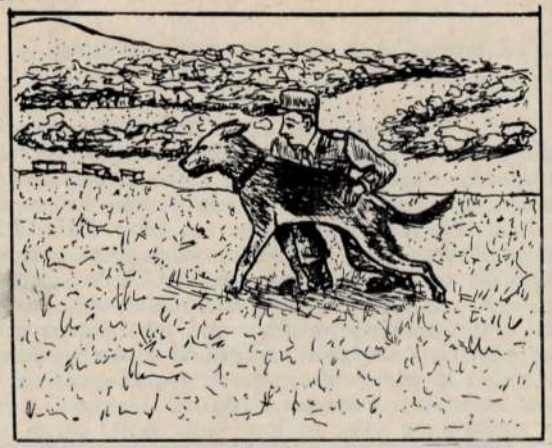


Fig 27 — Despachando o cão mensageiro.

Fig. 28 — Recebendo o cão mensageiro

tido inverso, ou seja de «Y» para «X», devendo êste último chamar o animal e retirar a coleira quando êle o alcançar. É importante que a coleira porta-mensagem seja colocada antes que o animal corra de um cinófilo para outro e removida tão logo atinja o destinatário; com êste procedimento, o cão prenderá a associar a coleira com a necessidade de ir de um cinófilo ao encontro do outro. Além disso, o cinófilo deverá estar sempre na posição de joelhos ao despachar ou receber o cão (Fig 27 e 28). Isto ajudará o cão a ignorar as pessoas que estejam andando ou de pé nas imediações.

c. Quando a distância entre os dois cinófilos atingir a 100 metros, ambos os cinófilos ainda permanecerão visíveis ao cão a fim de poderem, alternadamente, chamá-lo e encorajá-lo caso se detenha durante o percurso.

d. Quando o cão já estiver fazendo o percurso em boa velocidade o treinamento terá prosseguimento com um dos cinófilos utilizando-se de um esconderijo. «X» e «Y» percorrerão juntos uma curta distância, o primeiro conduzindo o cão pela coleira. «Y» adianta-se 50 metros e procurará um esconderijo (moita, árvore, casa, trincheira, fôsso, capim alto, etc). «X» ajoelha-se, colocará a coleira porta-mensagem no cão e comandará «LEVA» com o braço estendido. Se o cão correr imediatamente para encontrar «Y», não será necessário que êste o chame. Todavia, mostrando-se êle hesitante em seguir para a frente, ou após partir, não conseguir encontrar "Y", êste revelará sua presença e, se necessário, chamará o cão. A distância entre os dois cinófilos deverá ser, inicialmente, de tal ordem que possa ser relativamente fácil para o cão encontrar "Y". O cão deverá sempre **ser bem sucedido em sua busca; nunca deverá regressar sem haver encontrado o cinófilo escondido.** Para isso, se encontrou dificuldade em achá-lo na primeira vez, o próximo exercício deverá ser mais fácil. Mais tarde, a dificuldade

poderá ser gradativamente aumentada. **O mesmo esconderijo não deverá ser usado duas vêzes. O cão deverá investigar ou usar o faro para achar o seu cinófilo.** A proporção que o cão se mostre mais confiante na sua missão, a distância deverá ser aumentada até o limite de um quilômetro.

c. A seguir os dois cinófilos alternarão a remessa e o recebimento do cão em uma área de adestramento tão diferente da anterior quanto fôr possível.

f. A parte final do adestramento consistirá em fazer o cão aprender a voltar para o seu despachante embora êste não esteja mais na posição original. «X» deverá mandar o cão com a mensagem e ocupará uma outra posição próxima da original. «Y» mandará o cão de volta da maneira já conhecida, não devendo êste encontrar dificuldades em descobrir «X». O afastamento da posição de origem poderá então ser progressivamente aumentado e utilizarem-se posições disfarçadas, para, gradualmente tornar mais difícil a descoberta. Finalmente o número de viagens redondas (levando a mensagem e voltando com a resposta) poderá ser variado e alternado com viagens de ida sòmente.

50. ADESTRAMENTO ADICIONAL

a. **Natação** — O cão mensageiro deverá ser ensinado a entrar n'água e nadar, a fim de encurtar a linha de comunicação. As primeiras lições serão dadas em água (um pequeno regato, se possível) que o cinófilo possa vadear mas que o cão precisará nadar; deverá ser bastante largo de modo a não permitir a transposição por salto. Hesitando êste em entrar na água, não deverá ser contrariado; o cinófilo o faz e então com um leve puxão da correia o chama.

b. **Distrações** — Quando o cão estiver trabalhando bem, entre os dois cinófilos, deverão gradualmente, ser introduzidas distrações a fim de que o cão corra de um para o outro indiferente ao fogo de armas, a movimentos ou qualquer outro elemento perturbador.

c. **Emprêgo de Odor Artificial** — Em certas situações o uso do odor artificial poderá ser empregado vantajosamente. Isso é conseguido da seguinte maneira: um pequeno pedaço de pano é impregnado com erva-doce ou qualquer outro odor penetrante. O pano é prêso e amarrado à extremidade de um cordel pelo cinófilo «X» que o leva ao cão. O cão é por êsse meio auxiliado a encontrar o caminho de volta para o ponto de partida aonde êle será liberado da mensagem de que é portador. Na sua viagem de volta ao encontro de «X» o cão deverá sentir o odor outra vez e, ràpidamente, encontrar «X», que continuou a arrastar o odor para uma posição mais a frente. As principais desvantagens do aroma artificial são: a probabilidade de confusão com diferentes cheiros das trilhas que o cão tenha percorrido e a possibilidade de que os cães seguindo o cheiro artificial possam acostumar-se a procurar exclusivamente êste.

d. **Duração de Adestramento** — Os cães destinados a emprêgo pelas Unidades deverão ficar permanentemente na prática de adestramento, a fim de conservarem-se em boa forma. Esta prática deverá ser feita diàriamente se a situação o permitir. O adestramento diário não deverá incluir mais do que duas horas pela manhã e à tarde, com um intervalo grande entre elas para descanso do animal. Havendo trabalho à noite um dos adestramentos durante o dia deverá ser cancelado.

O adestramento deverá incluir, também exercícios de condução de mensagens depois de marchas longas.

e. **Substituição de Cinófilos** — Quando se fizer necessária a substituição dos dois cinófilos êstes nunca deverão ser dispensados simultâneamente. Um cinófilo deverá permanecer para treinar o substituto. Geralmente os cinófilos deverão ser substituídos sòmente quando necessário; é preferível ter continuamente os dois cinófilos encarregados da alimentação, trato, exercício e treinamentos diários do cão. Em nenhuma circunstância, a ninguém, além dos dois cinófilos, será permitido conduzir ou brincar com o cão.

ARTIGO XII

ADESTRAMENTO ESPECIALIZADO DO CAO LOCALIZADOR DE FERIDOS

51. GENERALIDADES

a. Antes do cão iniciar a instrução de localizador de feridos, já deverá estar adestrado aos comandos, dado a voz ou por gestos. Deverá estar acostumado a deslocar-se em viaturas e ao estampido de armas de fogo ou outros incidentes.

b. A função do cinófilo é ensinar ao cão localizar feridos, avisá-lo de sua descoberta e levá-lo até êles.

c. O auxiliar do instrutor simulará o ferido a ser localizado pelo cão. Agindo assim, deverá observar certas precauções que serão necessárias para assegurar um adestramento eficaz. O adestramento é realizado em uma área especialmente destinada a êste fim. Com o desenvolvimento

do adestramento serão escolhidos locais que ofereçam condições semelhantes às encontradas no Teatro de Operações.

d. O adestramento deverá ser realizado à luz do dia e a medida que o cão se aperfeiçoar deverão ser procedidos exercícios à noite.

52. EQUIPAMENTO

É o seguinte o equipamento usado além dos já preconizados para os exercícios básicos.

a. Trela de tecido de algodão com 7,50 m.

b. Peitoral de couro.

c. Coleira com a insignia da Cruz Vermelha (Fig 29).

Fig 29 — Coleira com insignia da Cruz Vermelha.

53. PROCESSO DE ADESTRAMENTO

a. O adestramento do cão localizador de feridos abrangerá três ações principais:

(1) **Investigação** — O cão vasculhará uma determinada área a procura de feridos e de sua localização (Fig 30).

Fig. 30 — Investigação. Descoberta do ferido.

Fig. 31 — Comunicação. Informa a descoberta do ferido.

(2) **Comunicação** — O cão retornará ao cinófilo e dará a entender de algum modo que descobriu um ferido (Fig 31).

(3) **Condução** — O cão, prêso, conduzirá seu cinófilo até o ferido (Fig 32).

b. O cão realizará essas ações na ordem indicada, mas. à proporção que o adestramento progredir, deverá ser incutido no cão que elas constituem uma única missão. Durante o adestramento o cinófilo jamais deverá deixar que essas ações não se realizem na ordem apresentada. Assim.

Fig. 32 — Condução. O cão prêso conduz o cinófilo até o ferido (Note a atitude forçada do cão).

tão logo o cão adquira eficiência na «investigação», o esfôrço do adestramento deverá ser dirigido às ações de «comunicação» e «condução», a fim de que tôdas apresentem igual eficiência. O interêsse do cão pelas três ações deverá ser obtido durante o adestramento.

c. O peitoral deverá ser colocado sempre, antes que seja ordenado ao cão para investigar, e removido logo que tenha levado o seu cinófilo até o ferido.

d. Durante a «condução» o cinófilo deverá encorajar o cão o máximo possível e impedir qualquer hesitação do mesmo.

54. ADESTRAMENTO ESPECIFICO

a. Antes de ser iniciado o adestramento para as ações específicas de «investigação», «comunicação» e «condução», o animal deverá ser ensinado a deslocar-se independentemente de ordem verbal, bem como utilizar seus próprios meios para transposição de obstáculos.

b. O cinófilo ajustará o peitoral ao cão. O auxiliar do instrutor, ou o ferido, permanecerá a uma distância de 1,50 a 1,80 m do cinófilo, e êste estimulará o cão por gestos, a ir ao encontro daquele. Quando o cão obedecer deverá ser elogiado e acariciado. O cinófilo vai até o ferido que elogiará também o cão e simultâneamente será retirado o peitoral (Fig 33).

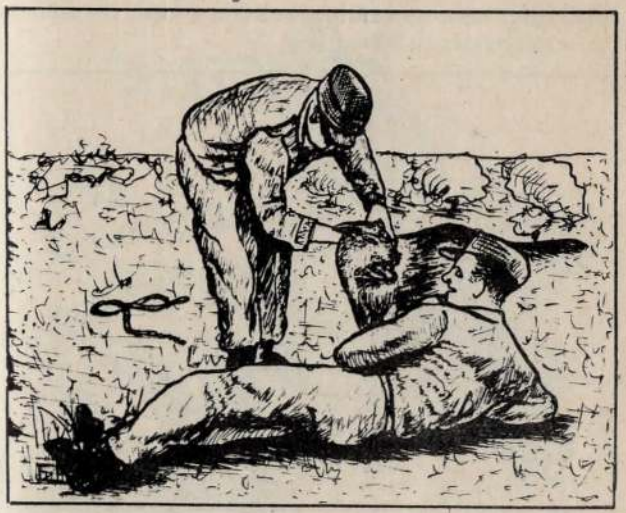


Fig. 33 — O cinófilo e o ferido, simultâneamente afagam o cão.

c. O ferido levantar-se-á ràpidamente e realizará uma corrida agachado cêrca de 50 metros (Fig 34). Lançar-se-á ao chão novamente. O cinófilo colocará firmemente o peitoral e estimulará o cão a seguí-lo. Dará o comando: «BUSCA» (Fig 35). O ferido cairá; o cinófilo mandará o cão atrás dêle; soltará o peitoral e, após apontar para a direção, repetirá o comando «BUSCA». Tão logo o cão atinja o local do ferido, o cinófilo virá a êle se juntar. Nesta

oportunidade, tanto o cinófilo como o ferido deverão afagar e recompensar o cão.

Fig. 34 — O ferido ergue-se para atrair a atenção do cão.

d. Após realizado o item anterior o cinófilo afastar-se-á do ferido e quando tiver percorrido 2 a 3 metros, parará e chamará o cão, elogiando-o e acariciando-o após êste atender o chamado. (Fig 36). Logo em seguida o ferido deverá deslocar-se alguns metros no chão, ao mesmo tempo que o cinófilo colocará o peitoral no cão enquanto êste estiver com a atenção voltada para o ferido. Após o que libertará o cão e acompanhá-lo-á durante seu deslocamento. Quando o animal alcançar o ferido, êste e o cinófilo, simultâneamente, elogiarão e acariciarão o cão. O cinófilo removerá então o peitoral do cão e retornará ao ponto de partida com o cão sôlto e livre de qualquer restrição (Fig 37). O ferido levantar-se-á, assegurar-se-á de que não está sendo observado pelo cão e encaminhar-se-á por outro itinerário para o ponto de partida. Êsse exercício deverá ser repetido no máximo 4 vêzes por dia. Conforme o aprendizado adquirido pelo cão poder-se-á habilitá-lo durante um período que variará de 1 a 7 dias consecutivos, após o que deverá ser-lhe propiciado um descan-

Fig 35 — O cão localizador de ferido. O comando de «BUSCA»

so. É aconselhável prender ou confinar o cão durante os períodos de descanso, pois isso o tornará mais impaciente para trabalhar.

Fig 36 — O cinófilo recua e chama o cão.

e. O execício seguinte consistirá em o ferido correr até um ponto fora das vistas do cão, prosseguindo ainda alguns metros além dêste ponto antes de deitar-se. Em seguida proceder-se-á conforme o descrito na letra **d** anterior.

f. Após aprendidos os exercícios anteriores o ferido deverá deixar o ponto de partida sem ser pressentido pelo cão e esconder-se-á.

g. O cinófilo colocará o peitoral no cão e o estimulará para a busca. A essa altura do adestramento o cão deverá demonstrar grande impaciência para cumprir a missão. Se êle não se apresentar com esta atitude, isto significará que os exercícios de investigação sob comando referidos em (c) e (d) deverão ser repetidos até que o cão se sinta suficientemente motivado para a busca. Os comandos serão, então, aos poucos eliminados.

Fig. 37 — O cinófilo após o exercício retorna ao ponto de partida com o cão sem peitoral.

h. Logo que o cinófilo esteja satisfeito com o grau de impetuosidade atingido pelo cão e confiante em suas ações quando livre, iniciar-se-á o estágio seguinte. O ferido deverá ficar num local distante de 20 a 30 metros do cinófilo e do cão, aí permanecendo imóvel mesmo após descoberto pelo cão. O comportamento dêste, de acôrdo com o seu temperamento, manifestar-se-á sob uma das seguintes maneiras, que condicionarão o prosseguimento do adestramento:

(1) Dispensará grande interêsse pelo ferido, cheirando-o ou empurrando-o com o focinho. Neste caso, o ferido baterá levente no focinho do cão, usando a menor fôrça possível e dominando suas emoções. O cinófilo atrairá a atenção do cão e quando êste olhar à espera de uma ordem, o cinófilo voltar-lhe-á as costas ràpidamente.

(2) O cão após haver cheirado ràpidamente o ferido, girará a cabeça e olhará na direção do cinófilo. Êste correrá para trás mantendo-se com a frente para o cão, chamando-o e estimulando-o; quando êle atender, a corrente deverá ser prêsa ao peitoral. O ferido engatinhará e o cinófilo ordenará ao cão que o leve até aquele. Uma vez executada a ordem o ferido e cinófilo deverão simultâneamente elogiá-lo e afagá-lo empregando para isto o máximo de bom senso. O encorajamento variará em função do entendimento adquirido pelo cão, da impetuosidade e vigor demonstrados na «investigação», na «comunicação» e na «condução».

i. Conforme o progresso apresentado pelo cão no adestramento o ferido deverá ficar em locais cada vez mais difíceis de serem encontrados, podendo-se também introduzir um segundo ferido.

j. Outras dificuldades poderão, ainda, ser introduzidas quando aconselháveis, tais como:

(1) Espalhar pela área de busca peças de fardamento, sacos de mantimentos, latas de conservas vazias etc.

(2) Fazer um monitor ficar de pé ou sentado no interior da área e próximo ao ponto de partida.

l. **Treinamento Final**

(1) É de máxima importância reproduzirem-se as condições reais de combate, pois que em tais condições é que o cão deverá atuar. O fogo do armamento deverá ser reproduzido e os feridos deverão estar com gases e ataduras, de preferência apresentando vestígios de sangue. Árvores, crateras, trincheiras e abrigos individuais deverão ser utilizados para a colocação do ferido. Os cães localizadores de feridos deverão estar treinados a não se distrairem com pessoas que estejam em pé, sentadas ou andando pelas imediações. Finalmente o trabalho noturno deverá ser executado até que o cão demonstre encontrar-se perfeitamente apto para atuar a noite nas mais difíceis situações.

(2) No prosseguimento do adestramento, o peitoral de couro deverá ser substituído pela coleira o que permitirá ao cão levar seu cinófilo até o ferido. O peitoral não será usado em serviço devido à possibilidade de ficar prêso em ramos, cêrcas de arame e semelhantes.

55. CONSELHOS ÚTEIS

Um cinófilo competente nunca permitirá que o interêsse do seu cão diminua. As constantes buscas infrutífe-

ras tendem a diminuir a impetuosidade do cão, embora êle deva estar em condições de operar em áreas onde não se tenha a certeza da existência de feridos. Depois de cada missão infrutífera, o cinófilo deverá dar ao seu cão o costumeiro período de repouso e então improvisará uma área de busca onde colocará «feridos» simulados. O cão sendo então mandado, inevitàvelmente achará, transmitirá e conduzirá o cinófilo até aquêles «feridos». A alegria do cão pelo sucesso alcançado apagará as reminiscências do fracasso anterior, mantendo o seu interêsse em grau elevado.

ARTIGO XIII

ADESTRAMENTO ESPECIALIZADO DO CÃO DE GUARDA OU SENTINELA

56. GENERALIDADES

a. Antes de iniciar a instrução de guarda o cão já deverá estar adestrado nos comandos a voz e a gestos, treinado a deslocar-se em viaturas e habituado com os estampidos de armas de fogo.

b. O cinófilo já deverá estar perfeitamente familiarizado de como os ventos e odores influem sôbre o modo de atuar do cão, e quais as peculiaridades do seu animal nesse aspecto.

c. Além de adestrar o cão na obediência a seus comandos, o cinófilo deverá incutir no animal o reflexo de que todo ser humano, exceto êle, é um inimigo natural. Isto

deverá ser feito para que o cão alerte a presença de qualquer elemento e procure atacá-lo. É de importância ressaltar que o cinófilo JAMAIS DEVERÁ PERMITIR QUE ALGUÉM AGRADE O CÃO QUE ESTÁ ADESTRANDO OU DÊLE SE TORNE AMIGO. O cinófilo deverá ter em mente que êle é o único amigo que o cão deverá ter e é seu único MESTRE. Pelo mesmo motivo o cinófilo nunca deverá afagar qualquer cão que não seja o seu.

d. Um auxiliar de instrutor deverá ser empregado como figuração para instigar o animal. A figuração deverá importunar e encolerizar o cão para excitar sua agressividade, ao mesmo tempo que, fugindo tão logo o cão contra êle arremeta, estará contribuindo para o animal ampliar sua autoconfiança. A figuração deverá aproximar-se do cão de modo ameaçador, mas tão logo o animal faça o mais leve movimento em sua direção deverá retrair. A maneira de se aproximar de um cão poderá variar consoante o temperamento que possua. É importante, todavia, que em todo encontro com a figuração, o **CÃO SEJA SEMPRE O VENCEDOR**. A figuração é tão importante no adestramento do cão sentinela quanto o cinófilo, e seu trabalho deverá ser cuidadosamente supervisionado pelo instrutor. Para variar, dever-se-á empregar diferentes elementos na figuração. Um cinófilo poderá atuar como figuração para um outro animal que não seja o seu.

e. O adestramento se iniciará na área de instrução já existente. Conforme o cão progrida dever-se-á levá-lo para outros locais selecionados e que se assemelham com os vários postos de sentinela.

f. O adestramento primário deverá ser diurno. Logo que o cão tenha aprendido a denunciar com segurança a presença de pessoas estranhas durante o dia, a parte final do adestramento, passará a ser executada à noite.

57. EQUIPAMENTO

a. O cinófilo deverá possúir uma corrente de aço, tipo enforcamento, uma trela de couro com 1,60 m, uma trela de 7,50 m, uma coleira de couro, uma estaca e uma corrente inoxidável.

b. A figuração necessitará de uma pequena vara flexível, enrolada em tecido grosseiro de outra arma qualquer: vestimenta de ataque e mangas suplementares (Fig 38).

Fig. 38 — Vestimenta de ataque e mangas suplementares.

58. PROCESSO DE ADESTRAMENTO

a. O adestramento para cães sentinelas será dividido em três fases:

(1) **Verificação, Provocação e Contrôle da Agressividade Natural do Cão** — Alguns cães são agressivos naturalmente e não necessitam de muita provocação para ficarem excitados. Para evitar acidentes, a fase de provocação de agressividade deverá ser iniciada prendendo-se o animal a uma estaca por meio da corrente inoxidável ligada a uma coleira larga de couro. É conveniente afofar de 0,025m a 0,05m a terra em volta da estaca, de modo que esta ceda um pouco quando o cão der um salto, em vez de mantê-lo prêso enèrgicamente.

(2) **Adestramento do Cão para Denunciar a Presença ou a Aproximação de elementos estranhos**. O cão deverá aprender a denunciar a presença de uma pessoa, total ou parcialmente escondida, quer ela se encontre sôbre o solo, ou trepada em árvores, muros etc. Por esta razão o estágio final do adestramento de sentinela deverá incluir as patrulhas em regiões onde os elementos da figuração se encontrem camuflados em galhos de árvores, atrás de um muro ou dentro de valas. É aconselhável fazer o cão trabalhar ao mesmo tempo com a trela de 7,50 m e com a curta, de modo que êle possa penetrar em construções e outros locais que possam servir para esconderijos.

(3) **Adestramento de Ataque** — O cão será ensinado a atacar e cessar o ataque a comando. A voz de comando para atacar é «PEGA!» e o comando para deixar ou parar o ataque é «LARGA». «Ao comando de «PEGA!», o cinófilo deverá largar a trela e o cão lançar-se-á ao ataque. Ao comando de «LARGA!», o cão deverá voltar para perto do cinófilo que comandará, conforme o caso, «DEITA», «PARA» ou «GUARDA».

b. O adestramento será realizado da seguinte maneira:

(1) Quando o cão estiver prêso pela corrente à estaca, para a instrução de incitação (a (1) acima), o cinófilo também colocar-lhe-á a coleira de corrente tipo enforcamento, fixando-a à trela de couro de 1,60 m. Após o que, segurando a extremidade da coleira, fará o cão sentar-se a seu lado e, em seguida, dêle se afastará sempre mantendo a trela prêsa em sua mão.

(2) O cinófilo deverá alertar o cão dando o comando de «GUARDA!» enunciado em voz baixa, quase sussurando. Êsse comando «GUARDA» será empregado sòmente durante o início do adestramento. Será uma advertência para que o cão saiba que está em missão, e deverá ficar preparado para denunciar qualquer elemento suspeito. Êste comando será eliminado tão logo o cão já tenha associado a colocação da coleira e da trela com a missão a cumprir. O comando «GUARDA» nunca deverá ser empregado em serviço para alertar o animal sôbre qualquer elemento suspeito, pois o cão é que deverá dar o alerta para o cinófilo e não o inverso.

(3) A figuração deverá atuar munida de uma pequena vara flexível, ou outro meio qualquer, que produza o efeito desejado, sem causar dano físico ao animal. Deverá aproximar-se do cão vindo de uma direção que não seja frontal, sempre observando-o pelo canto dos olhos e sem ir diretamente ao seu encontro. Ao aproximar-se deverá tocá-lo com a vara sem machucá-lo, saltando em seguida para longe. Quando a figuração instigar o cão, o cinófilo deverá estimular o animal dizendo com energia «PEGA!» — «PEGA!».

(4) Neste adestramento os cães reagirão de acôrdo com a sua agressividade natural, e os exercícios poderão prosseguir sendo realizados conforme o animal apresente uma das características abaixo:

(a) **Cão Moderadamente Agressivo** — É o mais fácil de ser adestrado para a missão de sentinela. Latirá ou rosnará tão logo a figuração apareça, e avançará para tentar atacá-la. Neste caso a figuração deverá fugir e esconder-se. Tão logo o cão reaja dessa maneira, o cinófilo deverá afagá-lo generosamente e, se o animal não estiver muito excitado, caminhará a seu lado ainda fazendo-lhe afagos. Quando o cinófilo já estiver convencido de que o cão só ficará excitado com a presença da figuração, não tendendo a atacar indiscriminadamente, poder-se-á considerar o animal como apto para trabalhar sem estar prêso à estaca. O exercício dêste dia será concluído com a fuga da figuração, devendo, em seguida, o cinófilo afagar o cão e soltá-lo da corrente.

(b) **Cão Super-Agressivo** — Êste cão é capaz de perder o contrôle, tentar morder alguém perto de si e continuar latindo mesmo depois que a figuração já tenha desaparecido. Neste caso, o cinófilo deverá repreendê-lo gritando «NÃO!» «NÃO!» e sacudir a trela até que o animal volte à calma. O cinófilo deverá ter cuidado para não ficar ao alcance do cão enquanto êle estiver latindo ou rosnando. Quando tiver a certeza de que o animal já está bem calmo, deverá aproximar-se falando tranqüilamente, elogiando-o. Êste procedimento deverá ser repetido sempre, a não ser quando o aparecimento ou desaparecimento da figuração seja repentino. Logo que o cão revelar indícios de que sua agressividade está voltada contra a figuração, o cinófilo o afagará generosamente, procurando fazê-lo sentir que sòmente deverá ser hostil, contra aquêle elemento. Depois de dois ou três treinos dever-se-á cessar o adestramento nesse dia. No dia seguinte reiniciar-se-ão os exercícios, mantendo-se o cão prêso à estaca até que fique patente que não morderá o seu cinófilo, não se devendo dar importância ao grau de excitamento do animal.

(c) **Cão de Baixa Agressividade** — Êste tipo de cão reage negativamente à presença da figuração. Êle poderá levantar-se e sacudir o rabo, deitar-se no solo ou tentar até fugir. Neste caso a figuração deverá aproximar-se dêle pelo flanco e bater-lhe ou agarrá-lo por detrás. O cinófilo, para servir de exemplo, deverá fazer gestos ameaçadores para a figuração enquanto esta imita o rosnar do cão. Quando o animal, na tentativa de se proteger, procurar morder ou rosnar para a figuração, esta deverá imediatamente parar de provocá-lo e afastar-se-á ràpidamente para longe. É muito importante no adestramento dêste tipo que o cinófilo aumente os afagos e estímulos sempre que o animal demonstrar sensíveis sinais de agressividade, devendo a figuração exagerar a simulação do mêdo. Repetir-se-á êste treino até o cão adquirir confiança e tentar atacar o inimigo tão logo êle se aproxime. Concluir-se-á o adestramento dêsse dia afagando-se o cão tão logo a figuração desapareça.

c. A fase que se segue consistirá em reunir de uma só vez seis cães de natureza agressiva que já tenham demonstrado não necessitarem ficar prêsos à estaca. Entre cada dois dêsses animais intercala-se um que tenha reagido negativamente na primeira fase do adestramento. Todos deverão ser colocados em linha, bastante longe e isolados, de modo que não possam entrar em luta entre si. Cada cão ficará prêso à trela e do lado esquerdo do seu cinófilo. Ao comando de «GUARDA» a figuração deverá aparecer e caminhar para a frente dos cães. Alguns latirão imediatamente, devendo então receber muitos afagos dos seus cinófilos. A figuração deverá concentrar sua atenção naqueles que não reagirem prontamente, e para êles se dirigirá ameaçando-os com o bastão após o que saltará para fora de seus alcances. Os cães menos agressivos deverão começar a latir incitados pelos que se encontram a seu lado. Se

encorajados convenientemente pelos seus cinófilos, compreenderão que não há nada a temer por parte da figuração e que esta desaparecerá tão logo comecem a latir, a rosnar, ou arrematam em sua direção. Quando todos os cães do grupo já reagirem ao aparecimento da figuração, esta deverá variar o local de surgimento, aumentando a distância qua separa do ponto inicial. Os cães que denunciaram o aparecimento da figuração com maior rapidez deverão ser bem afagados. Constatar-se-á que os cães mais atrasados aprenderão por intermédio dos seus companheiros agressivos do mesmo modo como o fazem por meio do cinófilo.

d. Quando todos os cães do grupo já derem alerta da aproximação da figuração, o elemento dela encarregado deverá ser substituído. Os animais em conseqüência aprenderão que **QUALQUER INDIVÍDUO** que se aproxime será inimigo. É aconselhável dispor de vários elementos para participarem da figuração.

e. O cinófilo deverá desempenhar agora a missão de sentinela, deslocando-se para o seu pôsto levando o cão sob trela frouxa. (Êste pôsto simulado deverá ser mudado diàriamente a fim de que o cão não se habitue com determinados trajetos). Após o cão e o sentinela já terem progredido uma pequena distância, a figuração deverá avançar partindo de algum lugar camuflado. Se o cão tiver aprendido as primeiras lições denunciará a aproximação do inimigo e alertará sem necessitar da ajuda de seu cinófilo. Caso o animal não dê alerta, o cinófilo deverá incentivá-lo dizendo «GUARDA», e, tão logo o cão reaja, a figuração deverá retirar-se, ao mesmo tempo que o cinófilo elogiará e encorajará o animal. Se o cão não reagir corretamente a figuração ocultar-se-á mais adiante. A figuração deverá escolher diversos esconderijos ao longo do itinerário de

onde deverá procurar bater no animal com a vareta para em seguida saltar para longe o que o provocará. Assim o cão aprenderá que se não der o alarme, imediatamente, denunciando a presença de um estranho, sofrerá uma punição que lhe causará dor.

f. Quando um cão, sem auxílio algum, já fôr capaz de denunciar, à luz do dia, a presença de qualquer elemento estranho situado à distâncias apreciáveis, estará em condições de iniciar os treinos à noite. De um modo geral, notar-se-á que um animal apresenta-se com melhor rendimento à noite, ocasião em que as condições para o faro são mais favoráveis, ficando também sua sensibilidade auditiva aumentada devido à ausência de ruídos perturbadores.

59. NOTAS COMPLEMENTARES PARA O ADESTRAMENTO

a. **Importância da Naturalidade da Posição** — Nos deslocamentos em guarda será importante permitir que o cão tenha liberdade de movimento, desde que êle não puxe a trela ou arraste seu dono. Se o cinófilo insistir em ficar com o animal junto a si, o cão tenderá a concentrar-se mais em manter uma posição correta, isto é, sua atenção estará dirigida para o seu dono e não para as circunvizinhanças, ficando propenso a esquecer sua missão principal, ou seja: permanecer atento, pronto para alertar ao mais leve sinal.

b. **Importância da Hostilidade para com Elementos Estranhos** — cão sentinela deverá ser ensinado a não criar amizade a outras pessoas. Para isso, o cinófilo deverá des-

locar-se com o animal à trela, e, a seu lado. Em determinado momento, um elemento estranho abordá-los-á, dirigindo palavras dóceis, tentando chamar o cão para junto de si. Tão logo o animal comece a reagir amigàvelmente, o estranho deverá dar-lhe um tapa violento no focinho, saltando em seguida para longe. O cinófilo deverá, então, incitar o cão a atacar o agressor. Êste exercício será repetido com pessoas diferentes atuando, até que o cão comece a rosnar ou a latir ante à aproximação de qualquer indivíduo por mais amigável que seja sua atitude. Após êste exercício dever-se-á fazer com que um elemento estranho tente atrair o cão com um pedaço de carne ou qualquer outro alimento de sua predileção. Quando o animal tentar abocanhar o alimento, o estranho deverá dar-lhe um tapa no focinho e fugir levando a comida. Dessa maneira o cão aprenderá que **SEU CINÓFILO É A ÚNICA PESSOA EM QUEM DEVERÁ CONFIAR.**

ARTIGO XIV

ADESTRAMENTO AVANÇADO DE OBEDIÊNCIA E INCITAÇÃO

60. ADESTRAMENTO AVANÇADO DE OBEDIÊNCIA

a. O adestramento avançado de obediência consistirá em fazer com que o cão percorra uma pista de obstáculos executando todos os exercícios, sem trela e sem o emprêgo de gestos de comando. Considerando que os cães sentinelas serão empregados normalmente à noite, onde os gestos são ineficazes, torna-se importante treiná-los a en-

tender e a obedecer a comandos verbais. Este adestramento avançado permitirá ao cinófilo exercer maior contrôle sôbre seu cão, desenvolvendo neste a disciplina imprescindível para o serviço militar.

b. Ao início do adestramento de obediência, os cães deverão permanecer bem separados a fim de se reduzir a probabilidade de entrarem em luta. Aquêle que procurar atacar outro deverá, como punição, ser imediatamente amordaçado. A proporção que a instrução progredir os cinófilos irão exercendo maior contrôle e os cães ficarão habituados a trabalhar em conjunto na mesma área. A distância entre os animais deverá ser gradualmente reduzida até que os cinófilos, com seus cães operando sem trela, possam praticar exercícios de comando e obediência mantendo entre as duplas intervalos de cêrca de 1,50 m ou menos.

61. PISTA DE OBSTACULOS

Como no caso do soldado, não se pode esperar que os cães sentinelas, apresentem o máximo de eficiência sem estarem em ótimas condições físicas. Isto significa que, além de receberem uma alimentação adequada e os cuidados técnicos do veterinário, deverão constantemente praticar exercícios vigorosos, numa pista de obstáculos (Fig 39), que poderá ser construída com material próprio ou improvisada com material descarregado. Tôdas as Unidades que tiverem cães sentinelas à sua disposição deverão possuir uma pista de obstáculos. Uma boa pista deverá possuir os seguintes obstáculos além de outros: barreiras; valas; rampas baixas para salto, rampas altas para ensinar o cão acompanhar o cinófilo a qualquer lugar; túneis para ensinar o cão a rastejar e passagens sôbre toros de madeira

suspensos ou traves construídas paralelamente ao solo a fim de dar ao cão confiança e equilíbrio (Fig 39)

Fig. 39 — Pista de Obstáculos

62. ADESTRAMENTO AVANÇADO DE INCITAÇAO

a. O adestramento avançado de incitação consistirá em provocar o cão insistentemente até fazê-lo morder o agressor que, para isso, usará mangas especiais (quer esteja ou não com a vestimenta de ataque), podendo assim deixar-se atacar pelo animal. Além disto o agressor deverá empregar uma vara flexível e leve ou saco de aninhagem para irritar o cão, sendo que, nos exercícios mais perigosos, poderá usar uma máscara de esgrimista para aumentar sua proteção (Fig 40, 41 e 43). O elemento encarregado da incitação deverá investir violentamente contra o animal dando um salto para trás tôda vez que êste arremeter. Sempre, sem exceção em hipótese alguma, o cão será o vence-

dor. O cinófilo nunca deverá ser empregado para incitar seu próprio animal.

IMPORTANTE: — Os cães de patrulha nunca receberão o adestramento de incitação.

b. Durante essas sessões de adestramento os cães deverão usar uma coleira de couro que será retirada logo após o término do exercício. Dêste modo, o cão logo associará a coleira de couro com a incitação e, tôda vez que ela fôr colocada no seu pescoço, começará a procurar um agressor. A coleira de couro também deverá ser usada quando no serviço de sentinela. É importante que a associação desta coleira com o agressor seja estabelecida com profundidade desde cedo. A coleira tipo enforcamento só deverá ser empregada quando se deslocar um cão para levá-lo ou trazê-lo do canil ou, então, durante a instrução de obediência.

c. A incitação é que desenvolverá no cão as qualidades de agressividade e violência essenciais para que execute o serviço de sentinela com eficiência. A agressividade e violência adquiridas resultarão em agilidade no pôsto e ímpeto para atacar. É importante não esquecer que cada cão tem um temperamento diferente e, para se obter os melhores resultados, a incitação deverá ser adaptada ao temperamento de cada animal. Há quatro processos principais:

(1) **Incitação em Linha (Fig 40)** — Os cinófilos e seus cães entrarão em linha a intervalos de 9,00m, com os animais na posição de «JUNTO». O elemento encarregado da incitação aproximar-se-á, sorrateiramente, abordando a formação pela retaguarda e em uma de suas extremidades; ao chegar à distância de 9,00 m do primeiro

mandará «MEIA VOLTA». Todos os cinófilos e seus cão deverá parar, ao mesmo tempo que o instrutor co-

Fig 40 — Incitação em Linha

cães obedecerão ao comando, devendo o primeiro cinófilo e seu animal avançarem vagarosamente em direção ao incitador. Para estimular seu cão o cinófilo deverá comandar «BUSCA» e, quando o animal chegar a cêrca de 3,00m do incitador, êste deverá mostrar-se irritado e fingindo-se medroso, começará a recuar. O cinófilo deverá, então, retirar seu cão e conduzi-lo por trás da formação indo ocupar o último lugar, ao mesmo tempo que a próxima dupla dará início a um exercício idêntico. Êste adestramento prosseguirá até que cada cão tenha repetido o exercício três vêzes. Não se deverá permitir que os animais mordam o incitador no decorrer do adestramento.

(2) **Incitação em Círculo** (Fig 41) — Os cinófilos formarão um círculo com um intervalo de 9,00m entre as

(2) **Incitação em círculo** (Fig 41) — Os cinófilos formarão um círculo com um intervalo de 9.00m entre as duplas. O incitador, usando a manga protetora ou uma vestimenta de ataque e munido de uma vara flexível, deverá colocar-se no centro do círculo. Ao comando do insverá colocar-se no centro do círculo. Ao comando do instrutor de em frente «MARCHE» os cinófilos e seus cães deverão deslocar-se vagarosamente em direção ao incitador, dando aos animais o comando de «BUSCA», ao mesmo tempo que encurtarão a trela, de tal modo que, ao se aproximarem a uma distância de 1,20m do incitador, já estejam segurando os animais pela coleira de couro. Isto será necessário não só para proteger o incitador como para

Fig 41 — Incitação em Círculo.

eliminar a possibilidade dos cães entrarem em luta entre si. Enquanto os animais estiverem progredindo, o incitador andará de um lado para outro ameaçando com a varinha diversos animais. Quando o círculo estiver reduzido a 3m

de diâmetro, os cinófilos deverão fazer alto e ao comando de em «DIREÇÃO À RETAGUARDA, Marche», dado pelo instrutor, voltarão à posição inicial.

Êste exercício deverá ser repetido diversas vêzes. Em prosseguimento, entrando no formação inicial em círculo, o incitador determinará que os cinófilos, um de cada vez, conduzam seus cães até o centro do círculo para ser procedido o exercício isolado de incitação. Nesta fase do exercício poder-se-á deixar os cães morderem a roupa ou a manga do incitador. A agressividade de um cão estimulará a agressividade dos demais provocando uma reação em cadeia. Isto produzirá efeito, particularmente nos animais que possuirem pouca agressividade ou forem lentos em atacar ou morder.

(3) **Incitação no Canil** — Êste processo deverá ser empregado sòmente nos cães que não reagirem favoràvelmente aos exercícios anteriores. A reação do animal baseia-se no instinto natural que possui de proteger sua casa. Estando o cão sôlto no canil e junto a seu cinófilo, o incitador deverá aproximar-se fazendo gestos ameaçadores; gritando e batendo na cêrca com uma vara flexível, saco de aninhagem ou qualquer outro objeto (Fig 42). Nesta ocasião, o cinófilo deverá provocar seu cão contra o incitador. Ao primeiro sinal de agressividade por parte do animal, o incitador deverá fugir perseguido pelo cinófilo que, ao retornar, deverá elogiar e afagar seu cão. Êste exercício deverá ser repetido até que o instrutor considere que o objetivo do adetramento foi atingido.

(4) **Incitação Prêso à Estaca** — Êste exercício será um prosseguimento da incitação no canil e deverá ser conduzido de modo semelhante, porém com o cão prêso a uma árvore, poste ou estaca e em algum lugar livre, longe do

canil. Êste exercício fará aumentar a confiança do cão em si mesmo em locais que lhe são desconhecidos.

Fig 42 — Incitação no Canil

(5) **Incitação com a Mordaça** — Será realizado para o adestramento dos cães sentinelas, que deverão ser amordaçados, permitindo-se que ataquem o incitador que, neste caso, usará vestimenta normal. Êste exercício constituirá, na verdade, um teste para determinar se o cão atacará, a comando, pessoas que não se encontrem com a vestimenta do ataque. Durante a instrução, muitos cães parecem associar, de maneira exclusiva, a roupa de ataque com o inimigo.

d. Os cães não deverão ser incitados, partindo a provocação de elementos em viatura. Em alguns casos isto poderá criar-lhes um reflexo, levando-os a reagir contra viaturas ao invés de contra pessoas. Em conseqüência, êles se tornarão nervosos e excitados ante a aproximação de veículos e dêste modo criarão dificuldades quando, no futuro, tiverem de ser transportados.

e. De um modo geral, para que os cães sejam mantidos com o máximo de eficiência deverão ser incitados, pelo menos, três vêzes por semana; entretanto, o temperamento do animal deverá ser levado em conta para determinar a quantidade de sessões necessárias em cada caso. Em hipótese alguma o cão será incitado na ausência de seu cinófilo.

Fig. 43 — Cão sentinela atacando a comando.

ARTIGO XV

PROGRAMA DE ADESTRAMENTO

63. GENERALIDADES

O adestramento descrito neste Manual tanto para os cinófilos quanto para os cães de guerra, deverá ser obedecido, tanto quanto possível, de acôrdo com as indicações feitas. Como os fatôres que influem no adestramento variam profundamente, é impossível apresentar neste Manual um Programa-Padrão, ou especificar o número de horas dedicadas à cada fase de instrução. Os ajustamentos deverão ser feitos em função do número de homens e cães a serem treinados, suas qualidades, a quantidade e as qualificações dos encarregados da instrução e os meios e tempo disponíveis.

64. DISTRIBUIÇÃO

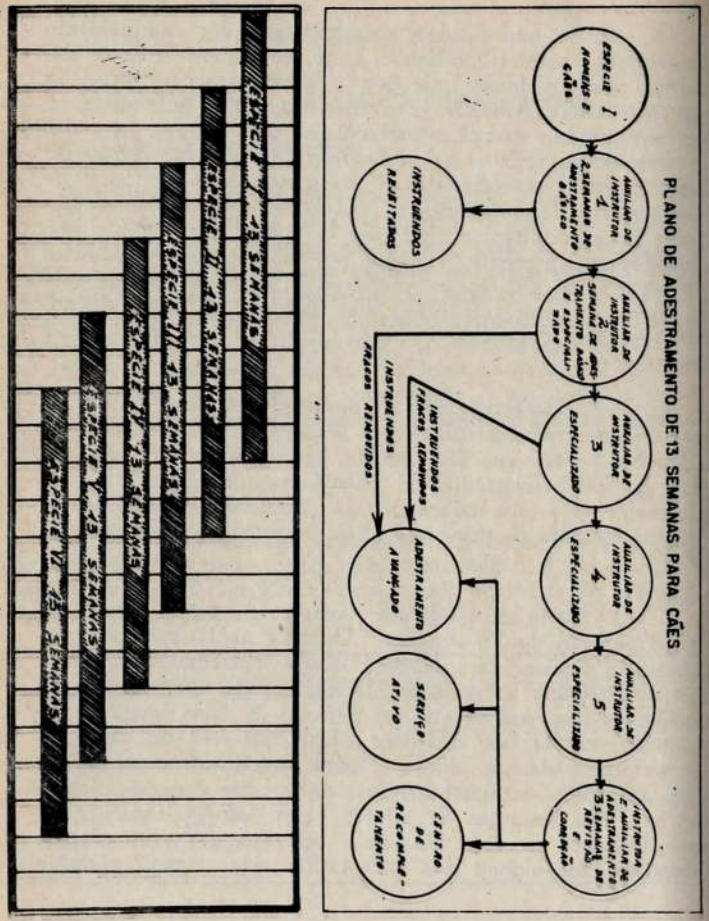
a. Em circunstâncias favoráveis, estima-se que o adestramento de cães de guerra e, simultâneamente, o de seus cinófilos, poderá ser realizado dentro dos períodos de tempo abaixo discriminados.

ESPÉCIE DE ADESTRAMENTO	SEMANAS
Esclarecedor ou Patrulheiro	13
Mensageiro	13
Localizador de Feridos	13
Guarda ou Sentinela	8

b. É de importância ressaltar que, em complemento ao trabalho prático realizado com seus cães, deve-se ministrar aos cinófilos preleções e demonstrações sôbre os preceitos dêste Manual. As demonstrações pertinentes a um determinado exercício prático deverão, sempre, preceder ao referido exercício. As preleções, entretanto, poderão ser feitas quando convenientes e sobretudo nos períodos de mau tempo. Em princípio, as instruções de tratamento, alimentação e confinamento de cães em canis, e que não foram incluídos no presente Manual por constarem do Manual Técnico T 42-280, serão ministradas no início do período de instrução, pois o sucesso dos cinófilos no adestramento de seus cães dependerá bastante dos cuidados que a êles dispensarem.

c. O gráfico da página seguinte ilustra um plano eficiente de adestramento de cães e seus cinófilos, realizado em condições favoráveis. Êste gráfico poderá ser usado como um guia no estabelecimento de planos para qualquer tipo de adestramento, após adaptado às condições predominantes (disponibilidade de homens e cães; instrutores; meios e tempo).

(1) Cada especialidade completará seu adestramento no período de 13 semanas. Durante as 10 primeiras semanas, as duplas (cão-cinófilo) ficarão entregues aos cuidados do instrutor e de cinco auxiliares de instrutor, cada um dêstes responsável por um período de duas semanas. O primeiro auxiliar de instrutor encarregar-se-á de duas semanas em cada um dos períodos de adestramento (básico, avançado e especializado); os terceiro, quarto e quinto, de duas semanas de adestramento especializado, cada um. Durante as duas primeiras semanas de adestramento especializado, alguns dos integrantes das duplas poderão



ser considerados absolutamente incapazes para o serviço e serão excluídos. À proporção que o adestramento prossegue, os cães ou cinófilos que apresentarem pouco aproveitamento poderão ser orientados para um adestramento individual ou rebaixados de classe. Ao término da 3ª semana as duplas serão submetidas a uma instrução de revisão e de aprimoramento sob a direção do instrutor-chefe, assistido, por seus auxiliares. Esta fase constituirá um excelente meio para se avaliar o grau de aptidão para o serviço e, em conseqüência, algumas duplas poderão ser imediatamente designadas para as seções respectivas e outras encaminhadas para o centro de recompletamento. Poderá também, nesta oportunidade, ser observado que algumas duplas necessitam de um adestramento suplementar, tomando neste caso as providências adequadas.

(2) O programa apresentado baseia-se na presunção de que, de duas em duas semanas, uma nova turma de homens e cães entrará no Centro de Adestramento. Assim, quando o auxiliar de instrutor nº 1 tiver terminado o seu trabalho com a turma nº 1, estará em condições de instruir a classe nº 2, incluida duas semanas após a nº 1. Êste sistema de rodízio permitirá a tôdas as turmas se beneficiarem da experiência e competência de cada um dos instrutores especializados nos diferentes assuntos que fazem parte do adestramento do cão de guerra.

* * *
* *

CAPITULO 3

UNIDADES FUNDAMENTAIS E EMPRÊGO

ARTIGO I

UNIDADES FUNDAMENTAIS

65. ORGANIZAÇAO

As organizações das Unidades Fundamentais para o emprêgo dos Cães de Guerra terão seus efetivos fixados em QO elaborados pelo Estado-Maior do Exército mediante proposta da Diretoria de Veterinária.

ARTIGO II

EMPRÊGO

66. GENERALIDADES

As equipes cinófilas têm como missão principal e geral prevenir a tentativa de infiltração sôbre determinados setôres, tais como:

(1) Na guarda estática, passiva, localizada nos pontos nevrálgicos interiores ou periféricos.

(2) Em situação Ativa Tática, que consiste em alertar as patrulhas de fuzileiros, prevenindo e impedindo o acesso do inimigo.

67. CÃO ESCLARECEDOR E PATRULHEIRO

a. O cão esclarecedor será adestrado para localizar qualquer elemento ou grupo estranho, dando o alerta sem se denunciar, especialmente em casos de emboscada ou tentativa de infiltração. O cão esclarecedor deverá ser adestrado por um único homem, o cinófilo, especialmente treinado para esta missão. O cão deverá estar em condições de atuar com trela curta ou longa; de dia ou de noite; sob qualquer tempo, na selva, em campo aberto ou em localidade. Deverá também, ser capaz de dar alerta quanto a presença de animais e pessoas estranhas sem se denunciar e muito antes dêles serem pressentidos pelo homem. A distância em que dará o alerta variará com vários fatôres: direção e velocidade do vento, grau de concentração do odor humano, humidade, tipo de vegetação e barulho ou outros elementos perturbadores existentes nas proximidades. A capacidade do cinófilo de interpretar seu cão será um fator importante para poderem operar em dupla.

b. Quando possível, o comandante do pelotão de cães patrulheiros deverá tomar conhecimento, com dois ou três dias de antecedência, da quantidade e tipos de patrulha que irá apoiar. Isto permitir-lhe-á selecionar a dupla mais eficiente para cada missão, dando ao cinófilo tempo suficiente para o seu preparo e o de seu cão, tendo em vista o próximo emprêgo.

c. Os cães esclarecedores poderão ser empregados de várias maneiras:

(1) **Patrulha de Reconhecimento**

(a) Antes de apresentar-se para a patrulha, o cinófilo deverá testar a presteza e a vivacidade do cão, fazendo-o executar exercícios básicos de obediência durante um período de 15 minutos. Se, por qualquer motivo, o cão não se achar em condições satisfatórias, outro cão ou outra dupla deverá ser escalada e empregada, mesmo que o novo animal não tenha ensaiado com a patrulha.

(b) O cão e seu cinófilo deverão ficar perfeitamente integrados com a patrulha, não só durante o planejamento, como no ensaio e nas fases de execução, devendo o cinófilo prestar a máxima atenção às instruções finais. Durante a fase de planejamento o cinófilo deverá assessorar o comandante da patrulha quanto ao emprêgo do cão. O comandante deverá dar ampla liberdade de ação ao cinófilo para que êste possa empregar o animal de modo a tirar o máximo proveito de suas possibilidades.

(c) A presença de um cão de guerra numa patrulha provocará as mais diversas reações entre os soldados ainda não familiarizados com êsses animais. Alguns elementos poderão sentir uma sensação exagerada de segurança, enquanto que outros poderão ficar apreensivos. Para evitar essas reações opostas, o cinófilo deverá informar aos componentes da patrulha, antes dos ensaios, qual a finalidade do cão e suas possibilidades. Nos ensaios, os membros da patrulha familiarizar-se-ão com o processo de trabalho do cinófilo e de seu cão, ao mesmo tempo que deverá o animal familiarizar-se com o cheiro de cada um dos componentes, bem como com os ruídos e as ações da patrulha em deslocamento (fig 44).

Fig. 44 — O cão se familiariza com o odor de todos os membros da patrulha.

(d) O cão e o cinófilo deverão apresentar-se na zona de reunião pelo menos uma hora antes da hora marcada para a partida da patrulha. Esta antecedência será necessária para uma coordenação final, para orientação dos componentes quanto às possibilidades do cão e permitir ao animal familiarizar-se com o cheiro de todos os membros da patrulha.

(e) O cão e o cinófilo precederão a patrulha a uma distância que permita imediata ligação com o comandante. À noite esta distância poderá ser a da extensão de um braço; durante o dia ela será maior, mas sempre permitindo uma ligação fácil à vista.

(f) O cão patrulheiro e o cinófilo deslocar-se-ão à frente mantendo-se o mais possível dentro da direção determinada, aproveitando as cobertas existentes e progredindo de modo a tirar o máximo de vantagem do vento e de outras condições favoráveis ao faro e audição do animal (Fig 45). O comandante da patrulha poderá, de vez em

Fig 45 — O grupo com o cão patrulheiro colocado do lado de onde vem o vento.

quando, mudar a direção da patrulha: em princípio é mais aconselhável que o cão e seu cinófilo se desloquem na frente à vontade.

(g) Um dos componentes da patrulha deverá receber a missão de proteger o cinófilo e seu cão. Quando o cão de patrulha estiver seguindo uma pista pelo faro, o cinófilo precisará de ambas as mãos para controlá-lo. Por esta razão, deverá estar armado sòmente de uma pistola calibre .45.

(h) Assim que o cão der o sinal da presença do inimigo o cinófilo trasmitirá o informe à patrulha fazendo o sinal de "inimigo à vista"; em conseqüência, o comandante mandará imediatamente a patrulha se abrigar ou fazer alto e se deslocará cautelosamente até o local em que aquêles se encontram, utilizando tôdas as cobertas disponíveis (fig 46). O cinófilo informará sôbre o que foi localizado. O comandante da patrulha tomará, então a decisão que julgar conveniente: poderá prosseguir numa nova direção ou desbordar a zona perigosa, precedido como antes, pelo binômio cinófilo-cão.

(i) Os membros de uma patrulha dotada de um cão com seu respectivo cinófilo deverão estar plenamente cientes de que devem adotar tôdas as medidas de segurança e não confiar sòmente no animal.

(2) Patrulha de combate

(a) O método de trabalhar da dupla, quando atuando numa patrulha de combate será o mesmo já estabelecido para a de reconhecimento, com exceção de que, após

ter o cinófilo informado ao comandante da patrulha sôbre a localização do inimigo, êle e o animal deslocar-se-ão imediatamente para a retaguarda ou para os flancos; não atuando, assim em qualquer ação realizada pela patrulha.

(b) Se a rapidez preponderar sôbre a segurança, o cão e o cinófilo poderão não ser empregados na ponta até se atingir às proximidades do objetivo. Depois da patrulha ter neutralizado a resistência inimiga, poderá prosseguir na missão, precedida pela dupla.

(c) Se o cinófilo fôr acidentado e se o cão permitir sua evacuação, isto será feito, devendo o animal acompanhá-lo. Porém, se o cão intervier a ponto de não deixar que seja prestada assistência ao seu dono, dever-se-á então sacrificar o animal.

(3) **Postos Avançados**

(a) Em um pôsto avançado a principal missão do cão esclarecedor será a de alertar, com antecedência, sôbre a aproximação do inimigo ou qualquer tentativa de infiltração. O cão e o cinófilo deverão ser colocados nas proximidades e à frente da posição à distância de ligação visual se de dia; à noite essa distância será mais reduzida.

(b) Será essencial improvisar um sistema de comunicação entre o cinófilo e o comandante do Pôsto Avançado. À noite, um cordel poderá ser colocado estabelecendo a ligação entre êles e adotando-se sinais convencionais por meio de puxões a fim de alertar o pessoal do Pôsto.

(c) Após o cão denunciar a presença do inimigo e seu cinófilo informar ao Pôsto Avançado, deverão, ambos,

retirarem-se para uma posição prevista ou, se estiverem num abrigo preparado, nêle permanecerem bem abrigados a fim de não ficarem expostos aos tiros quer oriundos do Pôsto, quer do inimigo.

(4) **Ataques Noturnos** — Durante os ataques noturnos os cães esclarecedores poderão ser empregados na localização dos elementos de segurança do inimigo. Serão empregados, normalmente, com as patrulhas que precedem o ataque, operando da mesma maneira como se estivessem fazendo parte de uma patrulha de combate. Completando sua missão de localizar o inimigo, o cinófilo e seu cão se deslocarão para uma posição desenfiada.

68. CAO MENSAGEIRO

a. Embora o emprêgo de soldado mensageiro seja indicado, o cão mensageiro poderá ser usado em seu lugar. Êle é mais seguro e rápido; poderá chegar ao seu destino à luz do dia ou na escuridão, sob quaisquer condições de tempo, em terreno acidentado ou plano, no campo aberto ou selva, nas grandes altitudes, na neve e no frio. Poderá levar mensagem até uma milha em grande velocidade. Oferece pequeno alvo para o inimigo devido ao seu tamanho, velocidade e habilidade natural na boa utilização de cobertas. Sua utilização no lugar do soldado mensageiro, não só assegurará um rápido e seguro meio de comunicação, como também proporcionará economia de vida e braços humanos.

b. Os cães mensageiros poderão ser usados simultâneamente com os cães esclarecedores nas patrulhas de reconhecimento e de combate; nas atividades estáticas de segurança, ou em missões de observação. Além disso, poderão

ser empregados para estabelecer ligações entre dois postos fixos; entre um pôsto fixo e um móvel; entre dois postos móveis; para transporte de pequena quantidade de suprimento de emergência (em tal situação os cães mensageiros não deverão transportar uma carga superior a 700 gramas) e como um meio rápido de lançamento de fio a curtas distâncias.

c. Pombos correios colocados em gaiolas especiais poderão ser transportados pelo cão mensageiro.

d. O cão mensageiro cumpre sua missão motivado sòmente pelo seu desejo de agradar aos seus dois cinófilos. Conseqüentemente, o cão mensageiro deverá ter acentuado grau de amizade e lealdade pelo homem. Deverá ser dotado de grande coragem, pois em muitas ocasiões terá de levar a mensagem debaixo do fogo de metralhadoras e de canhões. Êle deve ainda ter capacidade de resistência, energia e resignação que o permitam palmilhar terreno difícil. Deverá possuir faculdade para farejar e ouvir, ser dotado de grande velocidade e saber nadar; de altura média, porém capaz de permitir a transposição de terreno desfavorável. O cão mensageiro, à semelhança do cão sentinela, cão patrulheiro e localizador de feridos não deverá ser de temperamento acuado. Quando capturado deverá procurar evadir-se e ao sentir-se cercado deverá saber defender-se. Deverá ser de natureza desconfiada ao invés de agressiva, confiante e obediente aos seus dois cinófilos. Sòmente aos acenos e comandos feitos por êstes deverá obedecer.

69. CAO LOCALIZADOR DE FERIDOS

O cão de saúde é adestrado e empregado para auxiliar o Serviço de Saúde na localização de feridos no campo de

batalha e em outras áreas. Antes de perderem a consciência, os soldados feridos, por uma questão de segurança podem arrastar-se para esconderijos que possam não ser percebidos com facilidade pelas patrulhas das Unidades de Saúde; poderão ainda estar soterrados, ou em destroços (desabamentos) ocasionados por bombas. É obvio que muitos dêles poderiam ser salvos pelo tratamento oportuno, especialmente nos casos de choque ou hemorragia, e isto estará na dependência da descoberta dêsses feridos pelo cão localizador de feridos, do alerta dêste ao cinófilo de sua descoberta, da condução do socorro até onde os feridos se encontrem. O cão deverá ser adestrado para vasculhar determinada zona e após descoberto o ferido voltar até seu cinófilo e avisar a êste da descoberta feita. O cinófilo colocará então uma coleira com correia de couro no cão e será levado por êste até onde se encontra o ferido.

70. CAO DE GUARDA OU SENTINELA

a. O Cão de Guarda, como o nome indica, será empregado principalmente na missão de guarda interna como vigia. Êste tipo será adestrado para alertar seu cinófilo, quer rosnando ou latindo, quer por meio de um sinal sem fazer ruído. Normalmente, trabalhará à trela. O cinófilo tendo o cão à trela, estará em condições de patrulhar seu pôsto, estando apto a valer-se do animal para pressentir a aproximação ou presença de estranhos dentro da área a ser protegida, ou em suas proximidades (Fig 46). Quando o cão der alerta o cinófilo deverá estar preparado para enfrentar a situação conforme ela se apresente, ou seja, deverá pedir a senha, investigar mantendo-se cuidadosamente coberto ou, aprisionar, se fôr o caso. O cão estando à trela e ao lado do seu cinófilo, atuará como um fator psicológico e

deverá estar em condições de atacar quando, para isso, receber o respectivo comando.

Fig 46 — O cão de guarda vigilante.

b. O cão de guarda poderá ser empregado com vantagem em pontos críticos tais como:

— Área de estacionamento de aeronaves;

— Posições de tiro;

— Depósitos de munição;

— Depósito de rações;

— Posições de teleguiados;

— Faixas de patrulha à beira-mar;

— Depósitos de explosivos;

— Parque de viaturas;

— Usinas Hidroelétricas;

— Armazéns.

c. Quando as áreas a serem protegidas não tiverem tráfego, se encontrarem inteiramente cercadas e não forem muito extensas, poder-se-á deixar o cão já adestrado, ficar sem trela, permitindo-se-lhe liberdade de movimentos. Só o cinófilo respectivo deverá ter permissão para entrar na área ou de lá se aproximar, devendo acompanhar qualquer patrulha que seja enviada com a missão de nela penetrar para verificar a existência de infiltrantes suspeitos, pois sua presença junto à patrulha permitirá controlar o animal. Os cães de guarda quando trabalham em liberdade tornam-se ferozes, atacando imediatamente qualquer elemento que penetre na área.

d. O cão de guarda só deverá atender a um único homem. Cada animal será distribuído sòmente a um cinófilo que dêle tratará, adestrará e com êle tirará serviço.

Sempre que possível, os cães de guarda deverão patrulhar permanecendo a favor do vento que incidir sôbre a área a ser vigiada, pois assim, ampliará suas possibilidades.

f. Não há necessidade de se retirar as equipes de cães de guarda de um pôsto, em tempo chuvoso. Embora uma chuva pesada tenda a reduzir a capacidade de alerta do cão.

mesmo assim, sua sensibilidade para denunciar elementos intrusos ainda excederá a do homem. Não haverá dificuldade em emprêgo de cães de guarda em climas frios onde a temperatura atinja até cêrca de 40 graus abaixo de zero. Êles ràpidamente se adaptarão à temperaturas extremas; entretanto, para se avaliar a eficiência do animal em tais climas, dever-se-á seguir as seguintes instruções.

(1) Escalar os cães para seus postos de serviço durante os mêses de verão, de modo que êles possam, gradativamente, se aclimatar antes da chegada do inverno.

(2) Os alojamentos para cães em clima frio deverão ser aquecidos e serão instalados na parte externa das edificações.

(3) Quando o clima fôr extremamente frio dever-se-á colocar proteção nas patas dos animais (botinas) com o fim de protegê-las contra os ferimentos produzidos pelo gêlo. Estas proteções poderão ser confeccionadas de lona ou couro adquiridas em lojas civis especializadas.

*
* * *
*

INDICE ALFABÉTICO

	Par	Pág
— A —		
Adestramento avançado de obediência e incitação		
— adestramento avançado de incitação	62	103
— adestramento avançado de obediência	60	101
— pista de obstáculos	61	102
Adestramento básico com trela		
— aqui	24	34
— crau	25	38
— deita	22	27
— generalidades	19	21
— junto	20	21
— pára	23	31
— senta	21	26
— upa	26	40
Adestramento básico sem trela		
— aqui	33	53
— deita	31	49
— generalidades	27	46
— junto	29	47
— método de adestramento	28	46
— pára	32	51
— senta	30	48
— upa	34	54

	Par	Pág
Adestramento especializado do cão esclarecedor ou patrulheiro		
— adestramento para missão em pôsto avancado	45	72
— equipamento	42	66
— generalidades	41	64
— limitações do cão esclarecedor ou patrulheiro	46	72
— limitações do cão esclarecedor ou patrulheiro	46	72
— processo de adestramento	44	68
— zoneamento	43	66
Adestramento do cão de guarda ou sentinela		
— equipamento	57	94
— generalidades	56	92
— notas complementares para o adestramento	59	100
— processo de adestramento	58	94
Adestramento do cão mensageiro		
— adestramento adicional	50	78
— equipamento	48	74
— generalidades	47	73
— processo de adestramento	49	75
Adestramento do cão localizador de feridos		
— adestramento especifico	54	84
— conselhos úteis	55	91
— equipamento	52	81
— generalidades	51	80
— processo de adestramento	53	81
= C =		
Caracteristica do cinófilo		
— advertência pela trela	9	8
— breviário do cinófilo	7	5
— cinófilo	5	4
— comandos empregados pelo instrudor e pelo cinófilo	8	7
— determinação das caracteristicas	3	2
— importância do cinófilo	6	5
— requisitos essenciais	4	3
Caracteristica do cão		
— generalidades	10	8
= E =		
Emprêgo		
— cão esclarecedor ou patrulheiro	67	115
— cão de guarda ou sentinela	70	123
— cão mensageiro	68	121
— cão localizador de feridos	69	122
— generalidades	66	114
= F =		
Familiarização com a mordaça e a máscara contra gases		
— generalidades	35	55
— máscara contra gases	37	57
— mordaça	36	56
Finalidades	1	1
= O =		
Objetivo	2	1
= P =		
Planejamento do programa de adestramento básico		
— equipamento	16	16
— finalidade	14	14
— instalações	17	17

	Par	Pág
— normas gerais	18	19
— objetivos	13	14
— pessoal	15	15
Princípios básicos de adestramento		
— generalidades	11	9
— princípios gerais	12	10
Princípios de adestramento especializado		
— princípios fundamentais	40	62
Programa de adestramento		
— distribuição	64	110
— generalidades	63	110
— S —		
Seleção de cães para treinamento especializado		
— procedimento recomendado	38	58
— processo de seleção	39	59
— U —		
Unidades fundamentais		
— organização	65	114

*
* * *
*

DISTRIBUIÇÃO:

a. Órgãos

Gabinete do Ministro	1
Arquivo do Exército	1
Biblioteca do Exército	2
Exércitos	2
Regiões Militares	2
Estado-Maior do Exército	6
Diretoria de Instrução do Exército	6
Estabelecimento General Gustavo Cordeiro de Farias	2

b. Grandes Unidades e Unidades

DI — DC — DB — DAet — GUEs — GEF — Bda Ms	2
ID — AD — Cmdo GU FN	2
RI — RA — RO	2
RC Btl — Gp	2
Esqd — Cia — Bia Pel	1

c. Escolas

Es CEME	2
AMAN — Es SA — EsAO — CPOR	5
Es PC EsACos AAe — EsIE — Es Com — Es MB — CIGs — CIAet CM	2
EsVetEx	5
EsEqEX EsSE	2
Es EFEx — ESG — CEP — IME (NPOR)	1

d. Outras Organizações

EMFA — EMAer — EMArmada	1
Departamentos	1
Diretorias	1
Diretoria de Veterinária	5
Inspetoria Geral das Polícias Militares	1
Depósitos — Fábricas — Estabelecimentos — Hospitais — Coudelarias	1

1ª Edição
Tiragem 1500 Exemplares
Abril de 1970
Modêlo 8/70